

# MOMENTO feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO  
6.ª-Feira, 12 de Dezembro de 1947  
CR\$ 1,00 \* ANO I \* N. 21

UM JORNAL PARA O SEU LAR

A criança brasileira continua sem leite para beber, morando em quartos sem conforto, não tendo creches, nem jardins de infância, nem escolas.

A criança brasileira precisa que se faça uma campanha efetiva e real, sem discursos mas com uma ação paciente e decidida. As campanhas promovidas pelo governo devem apresentar resultados e traçar planos de ação em benefício das tristes, po-



bres, famintas e sujas crianças do Brasil.

As crianças do Brasil têm o direito a ser alegres, têm o direito a ser felizes. Esse é o sonho de todas as mulheres e o dever dos governos é ajudar as mães construindo creches e jardins de infância, resolvendo os problemas de alimentação e de moradias.

Quirino Compofiorito traçou para nossa capa de hoje dois pequeninos sorridentes e saudáveis. Dois pequeninos alegres como devem ser, precisam ser as crianças do Brasil.

# NOSSOS PROBLEMAS

ARCELINA MOCHEL

Os dias se vão passando e a luta das mulheres contra a carestia ainda não encontrou o desejado eco.

A dura realidade é que ao invés de baixarem os preços dos produtos, vemos tudo se elevar com a maior complacência das autoridades.

Um verdadeiro escândalo êsse da manteiga, do trigo e do feijão preto, que reaparece na praça depois dos 100% de majoração de preço.

Em conversa com as amigas donas de casa, tenho sempre oportunidade de viver com elas o angustiante problema das nossas famílias.

São os fatos concretos que me são levantados, o verdadeiro desespero de crianças famintas, sem roupas, sem remédios e sem teto. São as mulheres prêsas ao fogão, ao tanque de roupa e às filas dos açougues.

Ontem mesmo, falando com a amiga Flora, de Marechal Hermes, ela me contou sua tragédia. Sua palidez é doentia. Tem sofrimentos incríveis e não pode sarar por falta de recursos. Às vezes recorre a um médico no Estado do Rio, levando consigo outras amigas também em dificuldades. Enfrenta durezas da vida, arrastando 6 filhos menores, que vão sendo criados sem infância.

Falando sobre a crise de alimentos e comentando o raquitismo das crianças, encolheu os ombros e disse: que você quer? "A manteiga não entra mais lá em casa." Quem pode comprá-la a Cr\$ 36,00 o quilo?

Ao seu lado estava outra amiga, mãe de 10 filhos. Tivera 14 e quatro morreram por falta de boa assistência. Morava numa velha casa em Marechal, condenada pela Saúde Pública. Muitas mulheres moravam juntas, porque não tinham abrigo.

Essa pobre senhora não chega nem a tomar conhe-

cimento da alta de preço de certos produtos, porque há muito que não os pode comprar. Nem os vê. Eles deixaram de existir em sua mesa. E ela vai arrastando essa vida assim, sem saber onde vai parar.

São fatos como êstes, queridas amigas, que se multiplicam diariamente. É a miséria alastrando nossos lares, sob o indiferentismo dos poderes públicos.

Sente-se que as mulheres querem trabalhar, ajudar um pouco os maridos, fazer entrar mais dinheiro em casa mas, onde deixar suas crianças, se não há creches, casas maternais, nem nada? De todo lado só vêem o desamparo.

Assim é que os dias se passam e se agrava a situação de nossa gente.

Frente a todos êsses problemas é que somos levadas a maior união, a uma mais poderosa organização, para exigirmos dos homens de governo uma vida diferente.

Tem de ser feito o contrôle nos preços, fixando-se o máximo de cada artigo. Tem de ser feito o levantamento das casas desocupadas para serem lotadas por quem não tenha teto. As mulheres querem participar das comissões de abastecimento, querem crêches e cooperativas, querem postos médicos e escolas.

Essas são as medidas práticas que exigimos do governo. Assim estamos ao lado das autoridades administrativas, com toda a nossa força de organização.

Urge, pois, amigas, maior união entre nós, maior trabalho e decisão nos nossos propósitos de luta pela tranquilidade de nossos lares. Que todos os braços se descruzem, para a grande batalha contra a fome, contra o desabrigo, contra a miséria total que avança no seio da pobre família carioca.



Brevemente "Momento Feminino" lançará grandes concursos. Todas vocês, amigas, poderão concorrer

## MOMENTO feminino

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55

Sala 14 — Cx. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso . Cr\$ 1,90

Atrasado ..... Cr\$ 2,00

## MUNDO DE HOJE



Tenho nas mãos um livrinho da Tchecoslováquia contando o que fazem os jovens daquela nação: com-

o trabalham e como vivem. Entre fotografias de campos de esportes, de salas de aulas, de mocinhas



## Conferência De "Momento Feminino"

Podemos anunciar, finalmente, que se realiza, hoje, às 17.30 no Instituto dos Arquitetos (Edifício Odeon) na Cinelândia, a conferência que será pronunciada pela sra. Hortência S.L. Terrazas, sob o título "A influência da cultura na mulher sul-americana", em atenção ao convite que lhe fez MOMENTO FEMININO.

Figura de grande prestígio social e cultural na Bolívia, onde participa, ativamente, da vida pública nacional, a sra. Hortência Terrazas proporcionará, aos nossos amigos e amigas, uma tarde cultural, trazendo-nos a palavra da mulher boliviana através do interessante tema de sua conferência.

Esperamos o comparecimento de todos vocês, amigos e amigas de MOMENTO FEMININO e prevenimos a todos os interessados que os convites podem ser procurados a qualquer hora, nesta redação.

## MUNDO DE HOJE



ENEIDA

trabalhando em laboratórios, etc., encontro uma série de notícias interessantes para transmitir a vocês, amigas. Assim a mocidade da Tchecoslováquia liquidou com os desentendimentos de partidos ou de convicções quando a pátria foi invadida pelos alemães.

Organizaram-se os moços de todas as tendências políticas para trabalhar em comum contra o invasor. Havia na Tchecoslováquia 99 partidos políticos e os moços estavam espalhados em todos êles. Uniram-se e formaram o que se chamou e até hoje existe: o Movimento Nacional da Mocidade Trabalhadora.

Durante a guerra, êsses jovens foram batalhadores de primeira linha, (60% dos lutadores das barricadas nesse país, tinham menos de 21 anos) e depois da paz, em 1945 por exemplo, 250.000 jovens (moças e rapazes) foram ajudar no campo o trabalho da colheita de trigo. Em 1946 o governo convocou duas classes de moços e moças para auxiliar os camponeses, considerando a situação dolorosa em que se encontrava o país.

## MUNDO DE HOJE

E em outros terrenos temos ainda: Em 1946 foi melhorada, pelo governo, a alimentação de 90.000 crianças e criados 774 centros de recreação em toda Tchecoslováquia.

Naquele país, governo e povo se unem para realizar os grandes problemas da democracia.

Um telegrama de França sobre a sua população feminina diz que desde o começo deste século há uma média de 7.800.000 trabalhadoras francesas não incluindo as que trabalham no campo. Há portanto u'a mulher sobre cinco da po-

pulação total, que trabalha e produz.

A população feminina evoluiu: em 100 mulheres que trabalhavam em 1936, 44 o faziam na indústria, 27 do comércio, 14 em profissões liberais e 15 nos serviços domésticos. Em 1906 ou seja 20 antes, em 100 mulheres trabalhadoras: 58 eram operárias, 18 comerciárias, 7 de profissões liberais e 18 em serviços domésticos.

Diz ainda mais a estatística francesa: "no princípio do século registravam-se mais de três operárias para 1 empregada; em 1936 havia tantas operárias quantas empregadas. E a maioria das empregadas é de mulheres casadas"



Amigas:

MOMENTO FEMININO está interessado em organizar sua biblioteca. Assim todas as amigas poderão ler. Se você tem possibilidades de arranjar romances, novelas, livros de poesia, etc., traga-os para nossa biblioteca.

# Pois Não... O Fregues Manda

**Uniformes — Oito Horas Em Pé — Almoço De Casa Ou Pensão Barata — Isso Não é Escola! — Não Aceitaremos Mais Menores — Tuberculose — O Sindicato — Unhas**

Procurando conhecer como vivem as comerciárias, classe que se compõe de milhares de moças, no Distrito Federal, resolvemos fazer uma reportagem com as guriotas que devem acuar que a freguesa sempre tem razão.

Entramos numa grande casa de modas. Anas, e uma casa enorme, que vem de tudo, bolsus sapatos, fazendas, roupas feitas, enfim, é uma dessas casas onde se pode encontrar tudo o que se deseja. Logo no primeiro andar encontramos uma porção de moças, todas de uniforme. Sapatos iguais, saia e blusa.

— A casa nos tornece os uniformes. Não podemos levar para casa, nem tampouco sair com os sapatos. Quando dá o sinal de saída, vamos ao vestiário e entregamos tudo. Na segunda-feira, encontramos outro uniforme limpo. Só podemos usar essa roupa aqui dentro.

As comerciárias são acessíveis e dizem tudo o que pensam. Perguntamos como fizeram para ser admitidas.

— A gente se inscreve no Departamento do Pessoal, e fica aguardando. Fazem questão de boa aparência. Quando precisam de alguma empregada mandam chamar. Fazemos uma ligeira prova de português e aritmética e depois somos admitidas com o salário mínimo. A maioria aqui, ganha de 500 a 600 cruzeiros.

— Mas não todas... Para a expedição, que é a parte mais enjoada do trabalho, só admitem menores, que ganham 300 a 400 cruzeiros por mês. O trabalho de expedição é cansativo, e trabalhamos o dia todo em pé.

Começavam a surgir as queixas. Estamos num país em que não se pode falar, com ninguém, sem que sentidas e justas reivindicações apareçam no mesmo instante. As comerciárias, quase todas jovens, são de boa aparência. Soubemos que obrigatoriamente tem que se pintar, usar sempre as unhas arrumadas e os cabelos penteados. Entram às 9 horas, e tem 1 hora e meio de almoço.

**Marmita ou arroz com carruncho**

— Não dá tempo para nada. Ou trazemos o almoço de casa, e comemos

tudo frio, ou somos obrigadas a comer em pensões horríveis.

— Eu desisti de comer em pensão. Imagine você que todo o dia eu encontrava no arroz, carrunchos... Na primeira vez a gente tira do prato, mas todo o dia a mesma coisa, cansa e enjoa. Não pude mais. Eu pagava 12 cruzeiros por dia e agora trago de casa. Como frio mesmo, mas sem carruncho.

As moças queriam saber se o retrato ia sair no jornal. Poucas conheciam o "MOMENTO FEMININO".

— Não tenho quase tempo para ler. Traga aqui os jornais. Se for bom mesmo a gente lê. Mas de qualquer jeito, depois de ficar 8 horas em pé, só tenho vontade de ir para a cama. Trabalho de comerciária não é tão fácil assim... Se você visse cada freguesa que entra...

Fazemos uma interrupção. As histórias sobre as freguesas, mereciam um capítulo à parte, mas não cabe aqui em nossa entrevista. Deixaremos para a próxima ocasião. Quase todas as comerciárias são unânimes em dizer que preferem servir aos homens que às mulheres.

— Homem é menos exigente. E bobo também. É fácil convencer um sueito de comprar um objeto qualquer... Mas as madames... Deus me livre. Como cansa. Sabe qual é o meu sonho? Sair por aí e parar em todas as Lojas da Cidade. Comprar uma coisa em cada uma e ensinar as madames a comprar!

Sonho de comerciária... Passar de caixeira a freguesa. Ensinar às que não precisam trabalhar que o serviço das caixeiras é penoso. Deixemos a comerciária sonhar e passemos a outra loja.

**Isto não é escola**

Aqui o sistema é o mesmo. Uniformes. Comida de marmita ou arroz com carruncho. Mas surpreendemos uma discussão interessante. O chefe de seção reclamava.

— Isso aqui não é escola! É um estabelecimento comercial! De hoje em diante, não se admite mais menores!

Indagamos para saber do que se tratava. Falava-se no SENAC. Essa organiza-

ção governamental exige que todos os menores de 18 anos, estudem em seus estabelecimentos. Durante 3 horas, no expediente, os menores devem ser dispensados.

— Eles tem de frequentar a escola da 1 às 3 horas. Devem, portanto, sair daqui às 11 horas para almoçar e só chegam às 3 e



meia da tarde. Assim não é possível, pois a maior parte do dia eles ficam fora.

O chefe estava indignado. Os menores, admitidos para boys, garotas da expedição e mesmo comerciárias, não têm direito ao estudo. Por que? Há pouco tempo atrás os donos das casas comerciais e os industriais, achavam muito bom admitir menores, pelo salário de fome. Hoje, só porque essas crianças que ainda deveriam estar estudando e não paradas durante 8 horas a fio, precisam estudar, eles vibram de indignação! Isso não é escola! É estabelecimento comercial!

As empregadas ouviam a discussão com medo. Quantas ali são menores e perderão o emprego? O SENAC, embora agindo com justo critério deve prestar mais atenção a esse problema, não cortando as possibilidades aos menores de ganhar os seus salários. É preciso proteger essas crian-

ças e não dificultar mais ainda a sua vida.

**Tuberculose**

— Essa profissão é dura! Só aceitam mulheres solteiras. Se a gente casa, dão um jeito e acabam botando na rua. Mulher casada não pode servir direito, dizem eles. Vem os filhos e depois atropalha tudo.

— Quantas moças não ficam tuberculosas? Ficar em pé, comendo mal, viajando em bondes horríveis, cheios até os olhos, ou em trens em que a gente quase não respira, só se tem um cominho: a tuberculose. Aqui na casa, já saíram 3 moças tuberculosas.

Sim, a tuberculose sabe escolher as suas vítimas. Meninas de 17 a 19 anos, magras, esticando o peque-

tudo. Mas na hora H, nem vaga, nem médico, nem hospital. Foi tudo lá em casa mesmo e ela quase morreu. Desde então não quero saber de sindicato.

Explicamos que isso acontecia porque elas, as comerciárias, as maiores interessadas, não se aproximavam dos sindicatos. Se fossem todas para lá, seriam uma força e poderiam exigir o que mais precisam. As coisas não caem do céu. É preciso que a comerciária participe ativamente na vida sindical, a fim de que tenham hospitais, escolas, maternidades e médicos. Limitar-se a pagar o imposto sindical, que ninguém sabe para onde vai, ou por outro, só o Ministro do Trabalho sabe, não é a solução. As comerciárias, são uma grande classe. Precisam reagir contra o estado de coisas em que se encontram e assegurar melhor os seus direitos.

**Vantagens da Chefe de Seção**

A maioria das comerciárias recebe salário fixo. As chefes de seção além do salário, ganham comissão sobre todas as vendas. Chegam a tirar de 1 a 2 mil cruzeiros mensais. Mas essas vantagens atingem a poucas. Por que não exigir que todas recebam a sua comissão?

— Algumas casas dão comissão para todas as comerciárias. Mas aqui não. Infelizmente os melhores lugares estão tomados e a gente vai vivendo com o que ganha. A vida cada vez mais cara e difícil. Não tenho vontade de perder o emprego porque não sei o que seria de mim.

Visitamos ainda outras casas da cidade mas as reivindicações eram as mesmas. Como todos os que trabalham nesse país — os salários são baixos, as condições de vida, difíceis. A mulher não tem meios de transportes, não tem creches, maternidades, hospitais. Não pode mesmo, se casar, porque isso implica perder o emprego. Só mesmo quando essas comerciárias dispostas a lutar, unidas e organizadas, pelos seus direitos é que as suas condições de vida poderão melhorar e assim poderão viver dignamente, satisfeitas com a profissão que escolheram e que lhe paga o dinheiro com que vivem.

# A FUNEBRE COLHEITA

Senhor! tende piedade, senhor, não só de mim que vos estou falando, mas dos 7.000 fantasmas que não faz muito partiram para o descanso eterno. E tende piedade dos outros 7.000 que a cada momento se estão aproximando mais um passo do fim. E ainda dos outros 7.000 que ficaram e os outros que virão. E todos os milhares e milhares que os 7.000 vão semeando em torno às suas figuras de espectro. Porque seus beijos trazem veneno e morte. Porque seus abraços marcam definitivamente a vítima e porque seus pobres pulmões feridos estão a cada hausto, envenenando o ar, o pesado e ao mesmo tempo diáfano ar que as crianças e os cães e as flores e vegetais e os pequenos animais ingenuos estão respirando, precisamente nesse momento.

Senhor! tende piedade, principalmente dêes (e em verdade não sei a que misteriosa entidade me dirijo). Porque o silêncio é imenso e ninguém responde ao meu desesperado apelo... Tende piedade dêes, mas também de mim.

Porque eu os estou vendo a cada momento. Gravaram-se em minha retina, cercaram-me, envolveram-me, dominaram-me e ô, amigos que me ouvís! gravaram-se-me no coração. E não há exagero quando vos digo que suas 7.000 figuras anônimas estão marcadas com sangue e com fogo, no mais profundo de minha alma. E são 7.000 dores pungindo-me o peito. E nem vós, mágicas senhoras, que fazes precisamente agora, gemer vossos milagrosos instrumentos, conseguireis jamais fazer-me esquecer suas pobres 7.000 sombras... Porque muito mais alto e doloroso é o gemido coletivo de 7.000 bocas. Porque acima de vossas frentes iluminadas e para além desse momento de magia e arte que tão bem sabeis criar, pairam os 7.000 fantasmas dos que não puderam viver, dos que

tiveram suas vidas truncadas de repente.

Vós não o sabeis e ninguém o sabe nessa fria sala em que nos encontramos. Mas eu os vejo e sinto. Invadiram o palco e fazem trágica moldura às

## Obras Proibidas

BERLIM, 6 (R) — Obras de Mark Twain e Jack London estão entre os livros proibidos de serem lidos nas escolas de Berlim pelas autoridades norte-americanas apesar do energético protesto soviético. O membro norte-americano do Comitê de Educação da Kommandatura se opôs à divulgação dos livros sob alegação de que nos prefácios e notas dos mesmos havia propaganda contra as democracias ocidentais.

Entre os livros proibidos estão: "Tom Sawyer" de Mark Twain, "Wilhelm Tell", de Schiller, "Worms" de Claude Tillé, além das obras de Jack London.

O delegado soviético protestando contra a resolução do delegado britânico e francês declarou que o livro de Schiller sobre Guilherme Tell fora produzido "porque os movimentos populares metem medo aos EE. UU." o livro de Mark Twain "porque ridiculariza a bentece e a hipocrisia" e os de Jack London "porque revelam as contradições da estrutura social americana".

Os russos protestaram ainda contra a proibição dos livros de Stalin e Dembrowski.

O delegado americano respondeu que educação consiste em "desenvolver o espírito crítico e o caráter, e não em fazer propaganda política".

### COMENTARIO DA REDAÇÃO:

— O fascismo seja qual for a cor e o nome que usê é sempre o inimigo da cultura...

Beatriz Bondeira

does melodias de Mendelshonn que cantam sob vossas mãos. Seus rostos pálidos e suas faces esqueléticas são quasi jovens. Nem bem chegaram a viver. E há a infinita precissão dos pequeninos, magros, velhos, amarelos... A morte interrompeu-lhes nos lábios roxos o gemido de dor, mas desfez-lou, também, o sorriso que não chegaram a esboçar. Suas mãos debéis largaram o último brinquedo ou o seco e sujo pedaço de pão que tiveram de esmolhar. E atrás de seus espectros, os vultos ameaçadores da Fome e da Miséria à espreita dos 7.000 dos muitas

vezes 7.000 que não de juntar à sua fúnebre colheita...

Senhor, tende piedade! Porque mais alto que o riso feliz de meus meninos, está vibrando em meus ouvidos o lamento choro das pequenas vítimas. E não é possível viver tranquila, pensando que nesse momento, enquanto meus filhos enchem a casa com seus gritos alegres em centenas de outras casas, as pequenas vítimas já não tem força para gritar. E abraçadas ao seu ultimo brinquedo iniciaram a irremediável viagem.

Se eu não vos faio do meu noso sol que nos está aquecendo nesse momento se eu não vos conto a doce alegria de ser forte e jovem e gozar o miste-

rioso encanto dessas noites de lua, gentis bem, meus amigos, é porque fiz-se preciso que a minha voz se fosse mais alto que os seus lamentos e não seja uma voz isolada, mas milhões de vozes a fazer no mundo que é necessário lutar contra os vultos ameaçadores da Fome e da Miséria, que traiçoeiramente, estão à espreita dos 7.000 dos muitas vezes 7.000 que não de juntar à sua fúnebre colheita...

Nota: Os jornais do Rio recentemente publicaram dados estatísticos pelos quais se verifica que, apenas na Capital da República, morrem anualmente 7.000 pessoas vitimadas pela tuberculose.

## GRANDE FESTA EM CAMPO GRANDE

ANIMAÇÃO — ENTUSIASMO — ANIMADÍSSIMA A ELEIÇÃO DA SENHORITA IMPRENSA POPULAR



A Granja das Garças, situada num amplo terreno gramado, é um convite a um domingo diferente, distante do bulício da cidade, na alegria e no no repouso do campo. Alegria, sim, houve durante todo o domingo, que começou cedo, desde os primeiros trens, dia 7 do corrente, quando se realizou a grande festa Pró-Imprensa Popular. Não diríamos, porém, que houve repouso, tal o movimento que encheu o ambiente.

Desde cedo os caminhões trafegavam conduzindo passageiros da estação para a Granja. As barracas de comida, refrescos, bebidas e sortes anunciavam suas especialidades. A orquestra desde cedo, até as úl-

timas horas movimentou os pares, apesar do calor. O sol, o colorido da roupas, os chapéus de palha, numa mistura alegre de cores, enfeitavam o ambiente, juntamente com as falxas que contornavam as diversas barracas.

O entusiasmo pela eleição da Senhorita Imprensa Popular contagiava os cabos eleitorais, que começavam a trabalhar pelas suas candidatas, envolvendo todos os presentes na disputa eleitoral, mesmo os que procuravam o repouso à sombra das árvores.

Além de Leonor Bonoso e Yvone Moreira, apareceram novos nomes para concorrer ao título de Senhorita Imprensa Popular: Maria Joaquina Bar-

bosa, Vera Santos e Marina Lisboa.

MOMENTO FEMININO continuou a prestigiar Yvone e fez uma grande força para elegê-la. Mas, nem Leonor que já contava com o prestígio da vitória anterior, nem Vera com a intensa propaganda que fizeram os portuários, nem Marina Lisboa, conseguiram alcançar a votação de Maria Joaquina Barbosa, operária da Fábrica de Cartonagens Magno, que foi depois de um renhido pleito, eleita Senhorita Imprensa Popular.

Foi um domingo maravilhoso! Algo de que gostaremos de lembrar pelas diversões que proporcionou e pelo significado da ajuda à Imprensa Popular.

DR. HENRIQUE BASÍLIO  
RAIOS X

Avenida Nilo Pecanha, 155, 3.º andar - Sala 902

Telefone: 42-4545

DR. URANDOLO FONSECA

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

LARANJEIRAS, 72

Distribuidora Unidade

OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Aceita todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de

REEMBOLSO POSTAL

RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND.  
PORTO ALEGRE

# COISAS QUE ACONTECERAM

## COISAS DO CINEMA

— Acaba de ser iniciada a realização do filme "EMILLE L'AFRICAIN", com Fernand-Jacqueline Dor e Felix Oudart.

— Bourvil, novo comico francês, aparecerá em "Blanc de Neige". Este filme terá como intérpretes principais Mona Goya e Paulette Goddard.

## PEQUENOS CONSELHOS

Se seus cabelos estão muito secos deve passar um pouco de brilhantina perfumada. Se são oleosos, em vez disso, use a seguinte receita: água de Colônia 30 gramas, ácido acético 5 gramas. E sobretudo sendo oleosos ou secos, é necessário escová-los de manhã e à noite ao deitar-se.

Si seus tornozelos estão inchados depois de uma longa caminhada, banhe-os em água salgada (um punhado de sal grosso para cada litro de água). Dê-lhes massagens, a seguir.

Todas as manhãs no seu quarto, tenha por costume caminhar nas pontas dos pés durante alguns minutos.

## HÉLIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 —  
4.º And. — Sala 4  
Telefone: 433505

## SHORTS

A estrela sueca Ingrid Bergman está filmando "OAN" da Sierra — R. K. O. — a imortal história de Joana D'Arc, personagem que ela própria representou no palco. "Joan" é em technicolor e tem a direção de Victor Fleming, o mesmo de "E o vento levou".

Joan Loring causou uma grande sensação no restaurante chinês de Culver City, perto dos Estudios da R. K. O. — Radio, quando almoçava com o diretor Leo McCarey. Joan Loring surpreendeu todos os presentes quando pediu ao garçon os pauzinhos para comer o "chop suey", e uma maior sensação quando mostrou que sabe manejar tão bem como qualquer chinês os tais palitos de arroz... E que Joan nasceu em Hong Kong e viveu doze anos na China.

Cá entre nós: Como é "pauzinhos" esse modo de comer...

## "A MANHA"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferno do mundo

## INVENTOS EM MATÉRIA PLÁSTICA

PARIS — (S.F.I.) — A França está interessada em utilizar a fórmula do tecido de algodão impermeável chamado "ventile", que foi durante a guerra muito empregado pelo exército, figurando até há poucos meses numa lista secreta. O tecido "ventile", não só protege contra a água, como também contra o ar e o vapor de água, propriedade que não possuem os métodos mais

correntes de impermeabilização. Protege assim contra o frio e contra o vento.

A firma Dupont de Nemours acaba de fabricar em quantidades limitadas um novo tecido plástico destinado a tapeçaria. Denomina-se "fabrilite" e foi confeccionado em grande variedade de cores e em diferentes texturas. É particularmente resistente.

Faça de MOMENTO FEMININO o seu jornal.

## NOVO RECORD CICLISTA FEMININO

PARIS — (S.F.I.) — A Senhorita Eliane Bonneau bateu, no Velodromo de Archon, o record mundial feminino de bicicleta por hora.

A Senhorita Bonneau que percorreu 37 quilômetros 564 em uma hora contra 37 kms. record precedente, prosseguiu além da hora, batendo, igualmente, o record internacional feminino de 50 quilômetros, estabelecido recentemente pela corredora in-

## AINDA O PRECONCEITO RACIAL...

O sr. François Georges, ministro da agricultura do Haiti, que fora convidado de honra a participar da Conferência Nacional de Agricultores a se realizar no Estado de Mississippi, não foi aceito pela Secretaria da Conferência e nem tão pouco encontrou acomodações naquela região. Tudo porque o sr. François Georges é um homem de cor.

glasa Miss Sutcliff, em 1 h. 24'53". O novo record estabelecido pela Senhorita Bonneau é de 1 h. 20'17".

# UMA NOIVA: DOIS CASAMENTOS

## POR FREDDIE DEARDS DO CHALLENGE" DE LONDRES

Isto é uma história de duas noivas que estavam para casar. Uma delas devia casar-se este mês, a outra, igualmente, deveria casar-se este mês.

Duas moças — porém só uma e noiva. Conheço a primeira — Estela Ingram, uma feliz jovem de 22 anos, londrina. É uma jovem comum, de boas qualidades e trabalho pesado. O tipo de garota que pode sentar-se ao seu lado num ônibus ou num cinema. O seu casamento não se realizará este mês.

A outra pequena, Sua Alteza Elizabeth Windsor, idade de 21 anos, Princesa Real, herdeira do trono. Seu casamento realizar-se-á. Duas moças — porém apenas um casamento.

Estela Ingram e Tich Eldridge amaram-se de acordo com o modelo familiar.

Conheceram-se porque Estela mandava livros e mantimentos aos soldados na Índia. Tich respondeu e Estela escreveu, veio para casa, e sem nenhum barulho, resolveram casar-se. Aconteceu tudo assim, simplesmente. Não era negócio de estado, apenas dois jovens decidiram que se amavam. Sei disso porque os conheço, foi assim que aconteceu.

Sobre a outra moça, só sei o que li a seu respeito. Li que Elizabeth conheceu o seu futuro marido quando ainda muito criança e que não simpatizaram muito um com o outro. Mais tarde, tornaram a se encontrar. Como o seu amor se desenvolveu eu, não sei nem me interessa. De qualquer maneira, não tenho nada com isso. É suficiente que ambos tenham decidido casar-se e imagina-se, fizeram planos.

### O ENXOVAL

Estela tem umas poucas coisas que ela vem juntando há muitos meses. Peças de lingerie, essas alegres cozinhas que são parte do divertimento de um casamento e que representam tanto para uma jovem, ela mesma as fez.

Para comprar pronto nas casas, custariam muito dinheiro e de qualquer maneira ela não tinha suficientes coupons de racionamento.

Elizabeth não tem trapalhadas de coupons. O Minis-

terio do Comércio fez-lhe uma especial concessão, e é obvio que ela não tem preocupações de dinheiro.

O seu enxoval será "uma bela coleção de chiffons e sedas azuis, claros, rosa e branco, bordados com renda antiga e verdadeira, fitas de cetim e finos bordados a mão. Vários conjuntos de camisolas de dormir, negligês, robes de chambre e li-seuses foram incluídos. A camisola e o negligee para o dia do casamento, são de pura renda branca".

Elizabeth vai ganhar pelo menos dois casacos de pele de lontra — um do Canadá e outro de Newfoundland. Ela escolheu como cores, um natural e outro, marron escuro. Cada casaco contém 84 peles de lontra selvagem e custaria cerca de Cr\$ 240.000,00.

Estela nunca viu nem tocou um casaco de lontra. Elizabeth recebeu da Federação Britânica de Kayon, da Câmara de Comercio de Nottingham e Industria de Rendas de Nottingham, 18 calças de nylon e seda, um jogo de cashmere chinesa, duas echarpes para cabeça, tecidas a mão, vestidos de renda e roupas de baixo de tricô.

Da Senhora Wajage, da America, um par de ligas de fita azul céu e renda branca. Da Cia. Worspful de luvas, 30 pares de luvas — 10 sport, 10 para dia e 10 para noite. Esta não é a lista completa dos presentes, é apenas uma amostra.

### O BOLO

O bolo de Estela será de uma camada só. Sua mãe vem economizando ingredientes, há meses. Pesará tantos quilos quantos os que se conseguir economizar, nem mais nem menos.

O bolo de Elizabeth será uma coisa formidável. Medirá 32 polegadas em torno da base, terá seis pés de altura e pesará 600 libras e tem quatro camadas. Este é o bolo que será cortado pela noiva, e haverá 12 bolos no casamento.

### A CERIMONIA

O casamento de Estela deveria realizar-se na Igreja de St. Stephen, em Westminster. Como tudo o mais do casamento de Estela, se-

ria simples. Um órgão para tocar a marcha nupcial, porém nada de sinos nem de hinos porque custam muito dinheiro.

O casamento de Elizabeth será na Abadia de Westminster, perto de St. Stephen.

Dois mil convidados encherão a Abadia, haverá sinos, hinos e órgão. Todas as monarquias sobreviventes da Europa serão representadas e alguns monarcas que não sobrevivem serão em suas próprias imaginações. Cerca de Cr\$ 400.000,00 dos fundos públicos serão dispendidos em decorações.

### OS NOIVOS

Tich Eldridge, noivo de Estela, esteve quatro anos no Exército. Ele tinha 18 anos quando entrou para o Exército e como resultado, não tem profissão.

Ele pensa vir a ser enauffeur de ônibus porque pagam bem — Cr\$ 400,00, embora isso represente um período de treino por apenas Cr\$ 200,00 por semana. O orçamento deles só poderá ser equilibrado com o ordenado de Estela, que é de Cr\$ 335,00 por semana.

Philip, noivo de Elizabeth, é filho da Casa Real da Grécia. Ele teve a educação comum da chamada Classe Superior. Presentemente está na Marinha Real, onde serviu durante a guerra. Deixou sua nacionalidade há alguns meses. Ele não tem nenhuma profissão a não ser a Marinha, porém isso não lhe trará provavelmente nenhum embaraço.

Sua situação financeira não é pública. Ele tem seu salário naval porém não é de se esperar que o casal viva a custa desse salário.

O Parlamento dará naturalmente um subsídio de uns Cr\$ 4.000.000,00 por ano conforme já foi mencionado sobre o assunto. Esse dinheiro terá que vir dos bolsos dos contribuintes de impostos ingleses, entre eles, Estela e Tich.

### A CASA

Estela vive hoje com sua mãe, num apartamento de um edifício em Westminster. A família tem três quartos onde vive Estela, sua mãe, seu pai e seu irmão.

A mãe de Tich é relativa-

mente feliz — ela foi bombardeada e posta fora de casa sete vezes durante a guerra e agora tem uma casa pré-fabricada onde vive.

É evidente que o casal não poderia morar com nenhuma das duas famílias e há muitos meses procuram um lugar para eles. O encarregado do prédio onde Estela mora, mostrou-lhe um quarto que era tão pequeno, disse Estela, que era preciso tirar a mesa para fora para poder baixar a cama.

Elizabeth ia morar em Shunningdale, uma casa de campo. Pouco tempo depois disso ter sido anunciado, houve um incêndio que queimou tudo.

Este acidente deixou os noivos desabontados porém não atrapalhou o casamento. Uma porção de gente que naturalmente tem casas para dispor, ofereceu suas casas de campo.

A escolha ainda não foi feita, enquanto escrevo talvez já o tenha sido, quando este artigo for publicado.

Como suplemento, foi preparado um apartamento no Palácio Buckingham para Elizabeth e Philip que poderão usar de vez em quando.

O tamanho do apartamento não foi divulgado porém pode estar certo de que terá mais de um quarto e haverá espaço suficiente para uma cama e uma mesa.

Estela e Tich continuam procurando um lugar para morar e enquanto não acharem, não poderão casar. O Prêdio em Westminster não considera casal enquanto não são casados e no meu ponto de vista é um crime esperar que casais que se casam antes de poderem viver juntos.

Eles se inscreveram na lista de candidatos a casas em Delford; o seu número é 8.222.

Elizabeth e Philip terão o seu casamento. Estela e Tich têm um número numa lista.

Condonados também têm número, porém Estela e Tich não fizeram nada de mau. Eles apenas querem ser livres para se amarem e ter um cantinho deles.

Eles não estarão entre o povo que irá dar vivas ao outro casamento.

# CRIANÇAS SEM SOL

**ANA MONTENEGRO**

te. São dezenas de pequenos quartos, separados por paredes úmidas, cobertas por uma espessa camada de mofo. Em cada um daqueles cubículos, onde as mulheres fazem a comida, vivem todas as horas luminosas do verão, numa obscuridade vizinha da noite, além das pessoas grandes, três, quatro e mais crianças.

E nem se tem coragem de conversar com aquelas crianças. Que nos diriam as crianças daquela casa coletiva de Laranjeiras e de outras casas coletivas que se multiplicam pela cidade? Perguntarão porque não têm sol, nem tomam banho de mar, nem brincam como as outras crianças. Perguntarão, certamente, porque são prisioneiras das sombras, da fome, do analfabetismo. Perguntarão, também, porque foram condenadas à miséria dos porões das casas coletivas, se são tão pequenas e inocentes!

Diante daquela carinhadas desbotadas, pretas, brancas, morenas, e daqueles olhos cheios de perguntas, sentimo-nos meio responsáveis pela grande injustiça social que não permite ao próprio sol aquecer e alegrar as crianças.

Que fazer, então, meu garotinho, que fez tão grande amizade conosco e segurava, carinhosamente, em nossas mãos, enquanto estivemos em sua escura casa?

Campanhas em benefício da criança iniciam-se, de quando em quando. Jornadas infantis. Semanas dedicadas às crianças. Criam-se Departamentos.

Tudo isso, porém, não tem passado de discursos e folhetins coloridos.

Diante do espetáculo doloroso que vimos e da realidade dolorosa das ações, exclusivamente de fachada, em benefício das crianças, resta-nos essa força construtiva das mulheres unidas e organizadas, para uma luta concreta no amparo à nossa infância, aos nossos filhos,

aos filhos de nossas irmãs, até que surja um mundo onde não existam porões escuros de casas coletivas.

Daquela casa de Laranjeiras trouxemos uma sombra. Uma sombra que empanará a radiossidade do verão carioca. É a sombra de centenas de crianças tristes e abandonadas — as crianças sem sol das casas coletivas.



A casa da rua das Laranjeiras tem um aspecto perfeitamente inocente. Com suas janelas altas e largas, no primeiro andar, parece feita para repouso e abrigo. Olhada, assim, pelo lado de fora, ninguém diria que guarda centenas de crianças prisioneiras. Para quem chega, aquela local, no ônibus que arremete pelas ondas de luz da praia do Flamengo, onde a criança brinca na areia e no pedregulho, sente intensamente, a tragédia da escuridão, que se levanta abafada e pigriosa, parecendo muro de prédio. É o porão da casa coletiva. Na parte da frente, quase rente com o chão, há uma minúscula janela, cujas grades completam o aspecto de cadeia. E as crianças espremem as carinhadas, nos varões das grades, com os olhos quase fechados, desacostumados à claridade.

Ainda não tínhamos visto um porão, de casa coletiva. Parece um sonho mau. Dêsses sonhos

que oprimem por muitos dias. A impressão é que, de repente, vai rechar-se o único respiradouro: a minúscula janela de grades. Todas as histórias de terror, de opressão, de sofrimento, desfilam em nossa men-



**ASSINE**

**MOENTO**  
*feminino*

3 MESES... Cr\$ 12,00

6 MESES... Cr\$ 22,00

12 MESES... Cr\$ 40,00

Pedidos para a gerente

**LUIZA REGIS BRAZ**

Caixa Postal, 2013

Rio de Janeiro

**DRA. ADALZIRA BITTENCOURT**

ADVOGADA

RUA 13 DE MAIO, 23 -- 18.º ANDAR

Salas 1804/6

Fone: 32-6648

## ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA

Uma criança será bem alimentada se seguir estes conselhos:

Até os 6 meses — amamentação materna, de 3 em 3 horas, e depois do 3.º mês mais 1 a 4 colherinhas de suco de laranja (ou de tomate).

Dos 6 aos 12 meses — além do peito, e gradativamente, uma sopa rala, passada, de legumes (cenoura, espinafre, caruru), um mingau de aveia, araruta ou maizena com leite e pouco açúcar, meia banana assada.

Dos 12 aos 18 meses — em intervalos de 4 em 4 horas, ora leite engrossado com boas farinhas, ora sopas grossas de legumes, massas, caldo de feijão, 1 banana ou 1/2 laranja ou 1/2 maçã amassada, pão torrado ou biscoito e manteiga.

Dos 18 meses aos 3 anos — mingaus grossos de leite e boas farinhas ou cereais, sopas grossas de legumes, feijão, massas, 1 ovo ou um pouco de carne, 1 fruta, pão ou biscoitos com manteiga ou queijo.

Dos 3 aos 6 anos — leite, puro ou com cacau, café ou mingaus, ovos, carne; peixe ou fígado, legumes, frutas; cereais, pão e manteiga, queijo, doces de frutas, melado ou mel.

Nas idades escolar e adolescente: — tudo isso em quantidades crescentes, e sempre leite, legumes, frutas, carne, pão, queijo, manteiga e outras gorduras.

Será conveniente um lanche na escola.

Refeições em horários regulares.

Animo alegre e repousado na hora de comer.

Gêneros de boa qualidade, limpos e bem preparados.

Ovos, legumes frescos, não cozidos demais, e destes alguns crus.

Asseio constante; lavar as mãos antes da refeição; recusar pratos e copos já servidos.

Mastigar bem. Pouca água nas refeições; bebê-la de preferência nos intervalos.

(Dep. Nacional da Criança).

**DR. LINANDRO DIAS**

DOENÇAS INTERNAS -- TUBERCULOSE  
RADIOLOGIA PULMONAR

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18.º and. Sala 1801

Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados

Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoreoso Costa, 91 — Tijuca

Telefone: 38-6837

# Cidade Triste Das Lavadeiras

UMA VISITA AO MORRO DE AGUAS FERREAS, CERRO CORÁ E GUARARAPES — A VIDA E A MORTE SE MISTURAM NAS MESMAS DIFICULDADES — O PROBLEMA DA ÁGUA — NÃO HÁ POSTO MÉDICO, NEM ESCOLA

A subida para o morro de Aguas Férreas, onde ficam as ruas de Cerro Corá e Guararapes é longa e penosa. O calor e o cansaço entontecem, e quase não se pode admirar a beleza verde e ensolarada das encostas de Santa Teresa. As mulheres daquele morro vivem de lavar roupa. Roupa que vão buscar lá em baixo, tomando, às vezes, dois bondes e ainda ônibus. Por mais bem pago que seja o serviço, o que não é o caso, o lucro pequenino não compensa a dificuldade da distância, da subida, do alto custo do sabão, das despesas de transporte e da penosidade do trabalho. Entre as diversas mulheres que encontramos na subida, sem, ao menos, ver-lhes

os rostos, porque levavam embrulhos enormes nas cabeças e nos ombros, pudemos falar com Maria Gonçalves de Menezes, que esteve, durante muito tempo, explicando a vida de dificuldades das mulheres que moram em Cerro Corá e Guararapes.

## LAVAR ROUPA — UM TRABALHO DE MATAR

— Lavar roupa é um trabalho de matar, diz Maria Gonçalves.

— Veja, eu subo essa ladeira, quase todos os dias, com vinte, trinta quilos na cabeça, pois lavo roupa do Hotel Senador. Lavamos roupa no meio do sol quente, sem vasilha, sem lugar para guardar a roupa, sem nenhum conforto. É um serviço

sacrificado e não adianta quase nada, mas a gente precisa viver, tanto que anda atrás de mais roupa para lavar. Passo o dia inteiro lavando, vivo morta de cansada e não chega nem para comer. Aqui, é um lugar bonito, mas beleza não enche barriga. A gente não tem tempo nem de olhar. A senhora sabe, aqui, até para lavar é ruim.

Maria Gonçalves é uma criatura simpática e compreende, perfeitamente, a nossa missão. Ela própria se encarrega de levar-nos por um caminho tortuoso, para ouvirmos outras pessoas. Um barraco de madeira, com dois compartimentos pequenos num dos quais está a cozinha, abriga uma família de 8 pessoas, inclusive crianças. Só por malagre de vontade conseguimos chegar à porta do barraco, tão estreito e esburacado é o caminho. E Mercedes de Souza, também lavadeira passa a contar-nos sua vida de sofrimento, igualzinha à vida de todas as outras mulheres daqueles lados.

## A MORTE É TÃO DIFÍCIL QUANTO A VIDA

— Não é somente duro viver aqui, para morrer também é difícil. Quando meu marido adoeceu, chamei a Assistência quatro vezes. No fim, quando apareceu, o homem estava quase morto. E ainda disse que não chamasse outra vez, se a gente quisesse carregasse o doente lá para baixo, que eles mesmos não iam mais subir. Não é novidade acontecer essas coisas, por aqui. Outro homem que adoeceu, as mulheres reuniram-se e carregaram o doente mais para perto e a Assistência não veio. Pois bem, lá mesmo o homem morreu. Meu marido quase não se enterrava. Passou 48 horas em cima da terra, pois a gente não tinha meios para tirar o atestado.

## SOMENTE UMA ESCOLA PÚBLICA PARA LARANJEIRAS E AGUAS FERREAS

Cecília Teixeira Menezes é a dona da casa e está bastante doente. Assim mesmo faz questão de falar.

— A senhora vê tenho duas filhas na escola. Além da distância, elas têm que ir calçadas, vestidas com fardas, tudo às custas de lavagem de roupa, porque o que meu marido ganha mal dá para comer ruim.

Por que você não coloca as crianças numa escola mais próxima?

— Que escola? Nesta zona só há uma escola para a meninada toda e com exigência de farda e sapatos, tudo igual. Avalie a senhora que estou doente, não posso lavar roupa, mas preciso de um emprego. Gente pobre não tem o direito de adoecer.

E já fomos descendo, quando ela acrescentou:

— Pago Cr\$ 280,00 por este barraco!

O meio de vida é lavar roupa, mas não existe água.

Na rua dos Guararapes, numa subida mil vezes pior, o espetáculo é diferente: em vez dos embrulhos de roupa, são dezenas de crianças e mulheres carregando água. Georgina é uma garota que não se pode adivinhar a idade; vê-se que é



garota ainda, porém faz trabalho de mulher e mulher que tenha força. É ela quem nos fala do problema angustiante da água.

— A senhora está vendo, a gente trás água do morro do Cândido, lá no fim dessa ladeira danada. Quando vou para a escola já estou cansada. A senhora acha que a gente pode aprender direito, depois de passar a manhã inteira carregando água? Mas, minha mãe vive de lavar roupa e se não tiver água para lavar não se come. Pode subir mais, dona, que a senhora vai ver as misérras.

## AINDA A VIDA DAS LAVADEIRAS — ÁGUA DE ESMOLA. AS MULHERES NÃO PODEM CONTINUAR VIVENDO ASSIM!

Georgina tinha razão. Entramos num casebre onde a miséria é um grito de desespero. Crianças sujas e esfarrapadas, deitadas pelo chão. Várias pessoas doentes. É Rita Sampato quem nos aende.

— Nem vale a pena falar, pois a senhora está vendo. Não adianta chamar a Assistência porque ela não sobe e nem tem Posto Médico, para essas bandas. Honcina de Souza Miranda, que também é lavadeira fala sobre a água e mostra-se uma partidária decidida da emancipação das mulheres.

— O negócio da água é assim: ali no 70 mora um engenheiro que mandou fazer uma bica para serventia dos empregados dele. Pois bem, às vezes a bica fica aberta e a gente tira água mas de per o. É uma água de esmola. A roupa tem que ser lavada no rio. Ora, para lavar essa roupa passa-se o dia inteiro lá. E os filhos das lavadeiras ficam aí por aí. A situação é de abandono, dificuldade e miséria. Por isso, eu acho que as mulheres não devem ficar dentro de casa, enterradas, sofrendo, sujeitando-se a tanta miséria. As mulheres precisam ficar livres de cativéis e lutar por uma melhoria de vida. A senhora sabe eu às vezes, leio jornal e não vejo falar na vida das mulheres. É preciso mesmo haver um jornal que diga com a gente e vive.

Lavadeiras também na descida.

Na volta, ainda as encontramos, suadas, sob enormes embrulhos de roupa. Uma, distinguindo de fazer a enorme subida de uma só vez, descansavam, sentadas nas pedras.

Lá em cima, as tinas, no meio do sol, esperavam suas donas, as donas das casinhas de madeira, alugadas a Cr\$ 280,00, mais parecendo brinquedos sujos e quebrados de crianças pobres.



## Hotel Granja Itatiaia

780 metros da alt. — Clima ótimo para repouso e week-end — Passeios agradáveis, escalada às "Aguilhas Negras", 2.790 mts. de altitude

Informações:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32 — 2.º AND

TELEFONE: 23-4295



Amiga: auxilie a União Feminino de seu bairro a preparar o Natal para as crianças

LEIA

# Folha do Povo

UM JORNAL PARA A DEFESA DA DEMOCRACIA

## Livros De Portugal

**ACABARAM DE CHEGAR ALGUMAS EDIÇÕES DA MODERNA LITERATURA PORTUGUESA**

**INTERNATO** — Romance de João Gaspar Simões. Um livro que deve ser lido para uma melhor compreensão dos problemas da juventude de nossos dias. Os jovens possuem seus dramas e o grande crítico português que é João Gaspar Simões penetra profundamente na vida dos rapazes estudantes, nos seus sentimentos e nas suas angústias.

Cr\$ 33.00

**MARIA — ESCADA DE SERVIÇO** — Romance de Afonso Ribeiro. Um aspecto da condição humana estruturado por um jovem e já sentido dentro da realidade de nosso tempo. Um romancista e um grande romancista estão incorporados no presente livro.

Cr\$ 40.00

**A CICATRIZ** — Novelas de Augusto Vital. O primeiro trabalho editado de um escritor que é uma afirmativa. "Em qualquer novela desse livro comparece em igual medida a integridade emotiva do autor".

Cr\$ 21.00

**ADOLESCENTES** — Romance de Adolfo Casais Monteiro. Um nome que figura entre os mais agitados na moderna literatura portuguesa. Casais Monteiro faz parte de um famoso movimento literário conhecido pelo grupo da **Presença**.

Cr\$ 18.00

**O MAL E O BEM** — Novelas de Domingos Monteiro. Um escritor novo que vem despertando as mais eloquentes manifestações da crítica. É um livro que deve ser lido.

Cr\$ 18.00

**NOITE ESCURA** — Contos de João Rubem. Aspectos vivos da vida oprimida e sofrida do Portugal contemporâneo.

Cr\$ 22.00

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

**ARARAT** — A voz do povo armênio — N.º 14 — Mais um número do jornal da colônia armênia em São Paulo, dirigido por Jacob Bagarian. Contem variadíssima colaboração e material de propaganda da Armênia destacando-se a comemoração da data armênia em 29 de Novembro.

**PROBLEMAS** — N.º 4 — No sumário Gorodetzky; Ostrovitianov e outros. Um número bem selecionado.

**FEMMES FRANÇAISES** — Origem da União de Mulheres Francesas — 12 bis, me d'Artorg. Paris - França.

# CAMPANHA DA CRIANÇA



E a merenda escolar? E o copo de leite? As crianças contribuem...

As notícias publicadas em diversos jornais, nos dias 8 e 9 do corrente, anunciavam a realização da campanha da criança, cuja campanha foi inaugurada domingo último.

Conhecendo, de perto, a vida infeliz das crianças brasileiras, nos morros, nas casas coletivas, no abandono dos campos, procuramos conhecer o plano que em benefício dessas crianças estava sendo lançado sob os auspícios do governo. Tínhamos que começar verificando as bases daquele plano que, segundo os discursos pronunciados na ocasião, visa o decréscimo da mortalidade infantil, escola, alimento e habitação para todas as crianças. Assim, fomos ao Ministério da Educação, uma fonte oficial de informação, pela alta qualidade de órgão a que está afeto o assunto. Estivemos percorrendo os diversos andares do grande e bonito prédio, onde funciona aquele Ministério, porém, só depois de muito tempo, fomos infor-

mos que todos os assuntos relacionados à proteção da maternidade e infância deveriam ser tratados a rua Senador Dantas, 14-1.º andar.

### NO DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA

No Departamento Nacional da Criança, também, não encontramos as informações de que necessitamos para nossa reportagem. Dificuldades? Não. Os funcionários foram atenciosos, apenas, não tinham o menor conhecimento do assunto. Desconheciam, por completo, qualquer plano e mesmo a realização da solenidade que inaugurara, no país, com a presença do sr. Ministro da Educação, "a campanha da criança". Explicou-nos uma funcionária que a semana da criança fora realizada no período de 10 a 17 do mês de outubro próximo passado e que se denominara "Primeiro Jornada Brasileira de Puericultura". No Departamento Nacional da Criança, efetivamente, nada se sabia sobre o assunto que até ali nos levava.

### NA DIVISÃO DE COOPERAÇÃO FEDERAL

A Divisão de Cooperação Federal é uma seção do Departamento Nacional da Criança.

Decididamente, alguém devia informar alguma coisa. O assunto é tão fundamental que precisávamos conhecê-lo para transmiti-lo. Daí, a termos ido à Divisão de Cooperação Federal, em busca de informes. Conversamos, longamente, com o Diretor daquela Divisão, que se digna de passagem, deu-nos, com a melhor boa vontade, as informações que lhe era possível dar, das quais fazemos um resumo, em seguida: confirmou que o Departamento Nacional da Criança não tem conhecimento desse plano anunciado pelos jornais; que o Departamento foi criado pelo Decreto-lei n.º 2.024, de 17-2-40, e que teve, este ano, 20.000 cruzeiros de verba, para ser aplicada na ajuda à construção de maternidades, creches e outros quaisquer, iniciativas de proteção à maternidade e à infância.

### NOSSAS CONCLUSÕES

Trouxemos um vasto material de propaganda do Departamento Nacional da Criança. Inquéritos, maneira de organizar o funcionamento de creches, maternidades, lactários, casas de crianças, etc. Só uma coisa não con-



seguimos, apesar de nosso esforço e da cordialidade dos funcionários, quoes as realizações práticas do Departamento, isto é quantos creches ajudou a construir, quantas maternidades, etc.

Examinando o decreto que criou aquele Departamento, verificamos que as possibilidades de arranjar subvenção por parte das associações particulares são quase inexistentes. Não sabemos, também, a quantos andam a merenda escolar e qual é o mecanismo das caixas escolares, para as quais as crianças contribuem.

Em resumo, fala-se num plano de "campanha da criança".

Perguntamos nós, em que consiste o plano, qual o Ministério que vai executá-lo, quoes as responsabilidades do governo e de que maneira vai ser recebido o concurso do povo. Muitas outras coisas desejaríamos saber e, entre essas, quando começará a construir e funcionar as creches, as maternidades, os jardins de infância, as casas das crianças. O assunto é urgente. As crianças, é preciso repetir, estão vivendo em condições de miséria e abandono. Mas, falar nessas condições não adianta, adianta é criar novas condições de saúde, escola e alimentação para as crianças brasileiras.



As escolas são tristes, em salas escuras, os móveis sem conforto. As professoras, heroínas valentes, ganham mal. Para que as campanhas?

# A T Í R I A

LUCIA MACHADO DE ALMEIDA



NUM bosque cheio de passarinhos e flôres, um pequeno casulo desenvolvia-se em silêncio, colado ao tronco de uma árvore.

Uma velha jequitirana-bóia examinava-o admirada, pensando nas coisas extraordinárias que estavam acontecendo dentro d'ele. Pobrezinho! Ficava ali tão

só e abandonado! Em toda parte as mães-borboletas gostavam de vigiar os casulos, esperando a hora em que se completasse o fenômeno maravilhoso da metamorfose, e as filhinas-borboletas saíam dos invólucros. Aquêles, entretanto, parecia não interessar a ninguém.

— Esse inseto não deve ter pai nem mãe, pensou a jequitirana.

Céus! Como ela era feia! Um corpo grande e desajeitado, uma cabeça enorme, inchada, um narizão parecendo tromba. Metia medo... Sem razão, aliás, pois dona jequitirana era uma das melhores criaturas que se possa imaginar.

Atenção! Eis que o casulo começou a mexer-se, rompeu-se e pouco a pouco veio surgindo lá de dentro uma pequenina borboleta... Era linda, e suas azas amarelas e pretas estavam como que molhadas.

— É uma Atiria! exclamou a jequitirana, encantada.

A recém-nascida abriu os olhos, e tentou levantar vôo. Inútil, não conseguia sair do mesmo lugar.

— Espere um pouquinho, meu bem, disse a jequitirana aproximando-se. Dentro de uma ou duas horas as azas ficarão firmes e você poderá voar.

O rosto feio assustou a pequenina, mas havia tal

doçura, tal carinho no olhar da jequitirana, Atiria acabou sorrindo, confiante.

Era tão frágil, tão ingênua e não compreendia nada ainda.

Lembrava-se vagamente de seu estado de larva, quando se arrastava pelo chão e só sabia comer folhas e dormir. Depois o sono de seis meses... o esquecimento no casulo... Até que um ímpeto de vida a fez tomar conhecimento real de sua personalidade.

— Experimente voar agora, disse a jequitirana.

A borboleta abriu as pequeninas azas, equilibrouse no ar durante algum tempo, depois caiu no chão outra vez.

Esquisito aquilo, pois já se haviam passado três horas desde que abandonara o casulo, e era natural que saísse voando livremente. Seria defeituosa?

— Venha aqui, pequenina, deixe-me ver o que aconteceu, falou a jequitirana.

Dito e feito. A borboleta nascera com um desvio

qualquer numa das azas, o que dificultava extraordinariamente o vôo. E não havia jeito. A vida inteira ficaria assim, sem poder ir longe, sem aguentar viagens longas.

E teria de enfrentar sózinha o imenso bosque cheio de armadilhas e perigos, surpresas e mistérios...

O coração da jequitirana sentia-se atraído para tudo o que era humilde, fraco, desprotegido, e ela comoveu-se. Já tornara uma decisão, entretanto. Nunca fôra mãe, adotaria a pequenina borboleta como filha. Ama-la-ia e defende-la-ia contra tudo e contra todos.

Você quer morar comigo? indagou, aproximando-se de Atiria.

— Vou dar muito trabalho à senhora, respondeu ela timidamente e com voz fraquinha.

— Não digo isso, menina. Vivo sózinha, você até servirá de companhia para mim.

— Então, sim. E muito obrigada. Hei de trazer todos os dias um pouquinho do nectar das flôres para a senhora.

E voaram devagarzinho até a um velho tronco de jacarandá, onde morava a jequitirana.

— Não tenha medo de nada, disse ela. Tomarei conta de você para sempre.

Ah! Bem que ela iria precisar de proteção! Alguém de mau, de muito mau mesmo — o ser mais perverso e diabólico do reino dos insetos — iria persegui-la. Estranho ser mergulhada nas trevas, dotado de poderes quase sobrenaturais...

## A Manutenção Da Família

NICE FIGUEIREDO

Os homens, para garantir certas vantagens, muitas das quais já assinalamos nesta coluna, tomaram a si o encargo de sustentar as famílias. E, ainda hoje, a lei, ao enumerar os deveres do marido atribui-lhe a obrigação de prover a manutenção da família.

A mentalidade da mulher se formou em função de tal princípio, aceitando-o como um estado natural de coisas.

E mesmo nas classes onde este estado natural de coisas não podia ser respeitado, porque a fome e a miséria não deixavam, não raro, o homem trabalhava desesperadamente para evitar que sua mulher concorresse com o produto do seu trabalho para o sustento da família. Havia nessa atitude dos pais, dos maridos, dos irmãos muito de boa fé e coragem, mas enormes eram os prejuízos para esses pais, maridos, e irmãos e, sobretudo, para a família que queriam manter sozinhos sem a ajuda efetiva da mulher.

Primeiro, o aniquilamento físico desses homens e o abatimento moral que lhe seguia sempre. Depois as dificuldades que criavam para uma família onde muitas eram as bocas para comer e dois, apenas, os braços para trabalhar.

A luta pela vida, porém, ensinou às mulheres pobres, primeiro que as outras, a necessidade de cooperar financeiramente para o sustento da casa e dos filhos e, como não tinham dote a oferecer, lançaram-se ao trabalho das fábricas, dos balcões e dos lares alheios.

A manutenção da família continuou, na teoria, a ser uma obrigação do homem mas, na prática, era conseguida pelo esforço em conjunto dos homens e das mulheres.

Infelizmente, a lei foi sempre surda às relações familiares dessa classe, de sorte que o texto legal não se rendeu a evidência dos fatos.

Quando a fome, com o nome de necessidade de comer, chegou as portas das famílias de outra camada social, e quando os homens desta camada social não mais puderam sustentar sozinhos suas respectivas famílias, e as mulheres que também não tinham dotes a oferecer, tiveram de se lançar no comércio, nos escritórios, nas repartições públicas e nas profissões liberais, os fatos pareceram mais eloquentes e, se o dispositivo legal continuou de pé, pelo menos muitos direitos individuais foram dados à mulher que concorria ao lado do homem para garantir a sobrevivência da família que haviam formado.

Hoje, de sã consciência, ninguém defende o princípio da ma-

nutenção da família, exclusivamente pelo marido, porque só poderão fazê-lo os homens abastados cujo numero se reduz cada vez mais.

Se a sobrevivência das famílias pobres e médias está a exigir o esforço conjugado de todos os seus membros, independente de sexo, porque atribuir um dever ao homem que na prática ele não pôde mais cumprir, e, em nome desse dever cada vez mais impossível, assegurar-lhe prerrogativas absurdas como as que já apontamos aqui?

Porque consubstanciar na lei um princípio que impede o melhoramento do padrão de vida de muitas famílias, criando a mentalidade prejudicial da "mulher sustentada" e do "homem que sustenta", se essas famílias podem viver mais decentemente com os resultados obtidos pelo trabalho de todos os membros que as compõe?

Se a lei reflete os fatos, não se compreende que ainda hoje, ela não se tenha modificado, para refletir a verdadeira situação que se observa na grande maioria das famílias. E o que mais incompreensível parece é a atribuição de direitos e prerrogativas ao marido como compensação do dever de sustentar a família, quando nenhuma prerrogativa é atribuída, à mulher que também contribui com o produto do seu trabalho para a manutenção dessa mesma família.

É necessário, é indispensável repartir entre o marido e a mulher a obrigação de manter a família, em benefício da própria família e em proveito, sobretudo, dos conjugues que, lado a lado, valorizando-se mutuamente, irão lutar para garantir a sobrevivência de um grupo que criaram juntos.

O trabalho deixará de ser um dever penoso para o homem e a mulher casada sairá desse estado legal e social de inferioridade para desempenhar o verdadeiro papel de companheira, concorrendo com o seu exemplo para a formação de um ambiente sadio onde os filhos cresçam no amor ao trabalho e à solidariedade, onde se respeite as pessoas pela contribuição que prestam ao grupo e não porque as convenções determinaram deverem ser respeitadas.

As esposas e as mães não serão respeitadas, apenas, porque são esposas e mães, mas porque são esposas e mães que produzem alguma coisa útil para o grupo familiar e a sociedade.

E os filhos, esses perigosos julgadores, passarão a valorizar suas mães como valorizam seus pais, criado num ambiente de ajuda recíproca, de compreensão que só a luta por um mesmo ideal pode criar.



ANUNCIE EM  
"MOMENTO  
FEMININO"

Suzanna Martins  
Britto

CIRURGIA-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I - N.º 23

Fone: 22-5380



Metteur en scène Raymond Bernard proibido de filmar durante a ocupação alemã, reencetou após a libertação sua brilhante carreira, concluindo: — "Un ami viendra ce soir". O filme é extraído da peça de Jacques Compañez e Ivan Noe. A ação se situa perto da fronteira suíça, num sanatório de doentes mentais.

O drama ocorre em Agosto de 1944, quando a França se prepara para sacudir o jugo do invasor. Dentre os doentes se escondem resistentes — os quais — com a cumplicidade do médico, simulam a loucura. Dentre os seus protagonistas contam-se: — Michel Simon, Paul Bernard, Lous Salou, Saturnino Fabre, Daniel Gelin e Madeleine So logne, a quem se confiou o principal papel feminino. O cliché acima focaliza uma cena do filme.

# CINEMA

## CONDENADO

Esse filme inglês de boa fotografia e boa direção é a história de perseguições políticas na Irlanda. Perseguições políticas as mesmas em qualquer parte do mundo. A caça ao homem como se ele fosse um cão hidrófobo, a traição de uns, o auxílio de outros, o medo de muitos. Três grandes artistas encabeçam a película: James Mason, Kathleen Ryan, Robert Newton. Apesar de tanta coisa boa, principalmente a fotografia, o filme é arrasado demais e o sofrimento de Johnny — que é só ele de duas horas de projeção — tem altos e baixos para a emoção do espectador.

O cinema inglês tem produzido, como cinema coisas melhores, e o "Condenado" além de arrastar demasiado o enredo tem algumas ingenuidades ao lado de "descobertas" que o diretor faz questão de acentuar. Em todo caso, como o cinema americano teima em ser ruim, insiste em abacaxis, "Condenado" merece ser visto.

Um abacaxi bem regular é esse "Brumas do Passado" enredo tirado de "best seller" e, segundo uma de nossas amigas que leu o livro, modificado "à la bilheteria". A autora do enredo é Rachel Field escritora americana e dela o cinema já interpretou "Tudo isso e o céu também". Históriazinha ruim, cacete e tola. Esse cinema americano tem cada uma; por exemplo: manda buscar em Londres Phyllis Calvert boa artista e trazendo-a para Hollywood dá-lhe papéis ruins com diretores medíocres. Resultado: cadê a grande inglesa?

Vai acontecer com essa moça o que houve com Dolores del Río que o cinema americano liquidou e que atualmente o cinema mexicano está demonstrando o quanto ela vale... Por essas coisas é que o velho Charlie Chaplin, segundo telegramas dos jornais, acha que Hollywood agoniza e declara a um jornal inglês:

"Hollywood não se preocupa mais em fazer filmes considerados geralmente como obras de arte, mas apenas produzir quilômetros de películas. Hollywood está agora em vias de travar sua última batalha e perdê-la se não se decidir, de uma vez por todas, a abandonar a standardização, se não compreender que as obras primas não podem ser produzidas em série como os tratores".

E. M.



# TEATRO

Depois de um espetáculo no Teatro Experimental do Negro com a peça de Lucio Cardoso, o crítico ou comentarista, sae preocupado, sem saber como falar de um espetáculo em que o grupo valoroso "colored" realiza o máximo que seria possível realizar.

Evidentemente, a peça de Lucio Cardoso não convence e nem se desenvolve no sentido de verdadeiro teatro.

Qualquer esforço dos artistas está prejudicado pela peça.

Começando pelo princípio devemos ainda assinalar — Cenários de Santa Rosa — bons, bons efeitos de iluminação.

Agradáveis e adequados, com Agora, os artistas.

Abdias do Nascimento aparece diferente em o "Filho Pródigo". O artista formidável que tanto nos impressionou em "O Imperador Jones" de O'Neill, surge agora um tanto contagiado pelo novo teatro expressionista do sr. Ziebinsk. É uma pena que um artista com o valor de Abdias tenha se envolvido numa manifestação que se alastrava por todo o grupo dos "Comediantes". Não fazemos aqui, restrições nem atacamos o sr. Ziebinsk, que ao contrário, achamos um excelente ator ao lado de um diretor que convence os seus artistas dirigidos. Achamos é que Abdias tem as suas qualidades próprias, não necessitando de empréstimos que tanto comprometem o seu grupo experimental.

Outro desastre na peça brasileira é a atuação de Aguilardo, surpreendente sempre em suas atuações.

Aguinaldo, morre nessa peça de uma forma inteiramente separada de qualquer processo cênico.

As mulheres melhoram um pouco — Ruth e Marina, são talvez o ponto mais alto da peça.

Acreditamos no "Teatro Experimental do Negro" e aguardamos a volta do "Imperador Jones", muitos necessaria, depois desse filho pródigo.

Para encerrar, reproduzimos a apresentação de "Teatro Experimental do Negro".

"O Teatro Experimental do Negro — Trabalha e luta aspirando fixar sua consciência de arte dramática através do estudo e da representação do teatro de valor autêntico. Desde sua fundação, e como pensamento básico de sua existência, teve fé na possibilidade de comunicação dramática de intérpretes de cor e se propôs formá-los e reuni-los para sua apresentação ao público. Em três anos de atividades o T. E. N. fez válida a unidade de seus propósitos com a criação de um grupo homogêneo na idéia da arte e solitário nos fins primeiros da sua fundação. etaelneafor shrdlucmsfpykvbqg

Os princípios básicos que orientam nossos trabalhos não se limitam, aliás, à pura representação, nem tampouco ao benefício lucrativo que da atividade cênica possa resultar. Ampliam-se até onde se busca a valorização social da gente negra, mantendo um duplo combate, — por intermédio da alfabetização, da educação, da cultura e da arte, — ao complexo de inferioridade do afro-



Edwige Feuillère, Debucourt, Marguerite Moreno e Nathalie Nattier, numa cena do filme francês "O IDIOTA", baseada no admirável romance de Dostoievsky. (FOTO DO SERVIÇO FRANCÊS DE INFOR MAÇÃO).

brasileiro e ao preconceito de cor e de raça. Paralelamente procuramos efetivar nossos objetivos de experimentação estética, incorporando ao Teatro Brasileiro uma obra — cheia de lacunas, somos os primeiros a reconhecer, — porém, sincera e original, que vai desde o lançamento de novos autores, temas, intérpretes, diretores de cena, cenógrafos, como sobretudo a nossa forma particular de expressão teatral. Essa expressão própria, é obvio dizer, revela o conceito que possuímos da ati-

vidade cênica, e corresponde aos apelos da nossa sensibilidade e da nossa formação étnica e cultural.

O público já nos conhece com o Teatro Experimental do Ne-

gro, como a célula nervosa em crescimento permanente e em unitária procura dos valores puros — não mercantís — da representação e do estudo fervoroso da arte teatral".

**DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES**

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41  
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

# Atividades Femininas

## UNIÃO FEMININA DE DUQUE DE CAXIAS

A União Feminina de Duque de Caxias compareceu incorporada à homenagem prestada na Vila de São Luiz, bairro daquela cidade, ao sr. prefeito Municipal e à Câmara dos Vereadores, discursando, na ocasião, em nome da União, a senhorita Jorinda Alves Dias, que concluiu as mulheres a lutarem, unidas, pelas suas mais urgentes necessidades.

Está empenhadíssima, também no completo sucesso da Campanha de Natal que está realizando em benefício das crianças pobres, para cuja campanha tem contado com a boa vontade das autoridades locais e do comércio em geral, principalmente dos arruinhos. Pretende aquela fazer uma distribuição às crianças, principalmente de roupas feitas, na Praça do Pacificador, às 15 horas do dia 21 de dezembro próximo, organizando, outrossim, uma tarde festiva para a garotada, com jogos infantis, distribuição de balas, doces, etc.

Além do convite que nos enviou, pedê-nos que o torne extensivo a todas as Uniões Femininas, ao Instituto Feminino do Serviço Construtivo,

enfim a todas as organizações de mulheres.

Sede — Rua 19 de Março, n.º 260, Duque de Caxias — Estado do Rio.

## NOTÍCIAS FEMININAS DO CEARÁ

Através da nossa correspondente Barbara Feltosa Bezerra, sabemos que naquele Estado da União há diversas associações femininas, entre elas: A Associação das Domésticas, algumas Uniões Femininas, Associação das Labirinteadoras do Ceará, com 106 associadas e que as mulheres estão lutando para organizar uma Associação das Donas de Casa. Os nossos votos é que as mulheres cearenses saibam lutar organizadamente, colocando essas Associações à altura da luta por melhores condições de vida.

## CENTRO CULTURAL FEMININO DE REALENGO

Realizou-se, domingo último, a posse da nova diretoria que regerá os destinos do Centro Cultural Feminino de Realengo, em sessão realizada com

brilhantismo. À sua Marciano 502. A nova diretoria, à qual parabensamos pela vitória, desejando êxito para a sociedade, durante sua gestão, está composta das seguintes sócias: Presidente — Lucília Rodrigues, 1.ª secretária — Manoela Fraça, 1.ª tesoureira — Graçinda de Moraes, 2.ª tesoureira — Vanita da Silva, contando ainda, com a colaboração de Miriam B. de Azevedo, Matilde América e Leticia Lopes.

## AS UNIÕES FEMININAS E O NATAL DAS CRIANÇAS

Todas as Uniões Femininas estão agora vivendo a festa do Natal que se aproxima.

A maior preocupação de todas é evitar a cena degradante dos anos anteriores, com a demonstração de miséria no centro da cidade, sob a capa de distribuição de brinquedos, doces e roupas para a criançada carioca.

As filhas intermináveis de crianças descalças, esfarrapadas e famintas, à porta dos centros dadivosos, devem acabar.

É preciso terminar com essa forma de fazer o Natal do pobre, tão humilhante e tão exhaustivo.

Porisso as Uniões Femininas de todos os bairros vão começar

uma fase nova de festejar o Natal com as crianças. Vão fazer festinhas, distribuir brinquedos e utilidades, num ambiente fraternal, numa verdadeira demonstração de solidariedade, aproveitando esse dia para mais unir todas as mães, na garantia de um futuro mais feliz para seus filhos.

As festas natalícias descentralizadas e realizadas pelos bairros, evitarão as filas do centro da cidade e a fadiga da petizada que ficava horas a fio em pé, sob a inclemência do sol na ânsia de receber um brinquedinho que seus pobres pais não puderam comprar durante o ano.



Leonidia, nossa amiga, grande lutadora democrática em Raposo.

## CLINICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

Zas., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7709

## LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina, Pús. Fêzes, Escarro, Líquor — Diagnóstico de gravidez — Vacinas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutireações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios

DR. EVALDO DE OLIVEIRA

ACDM. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ

Tec. OCTACILIO F. DE MELLO

Das 9 às 11 e das 14 às 18 horas

# GRAFOLOGIA

**SUSUCHI** — Aqui temos uma grande capacidade realladora. Natureza poderosamente armada de energia e firmeza de convicções, nunca se deixa sugestionar ou demover. É positiva, mas sensata nunca se comprometendo pelo que faz ou diz, porque sabe cercar-se das devidas precauções. É uma extraordinária sensibilidade, entretanto, e sente a beleza das coisas e sua grandeza com emoção. Tendência artística, mais inclinada para as artes plásticas, mas muito atraída pela música. É muito ativa e diligente e nunca se embarça para tomar uma resolução, qualquer que seja a situação... No amor é de uma grande dedicação. Abandonando tudo, sem cálculo, sem previdência, sem premeditação. Absolutamente escravizada...

**LOLI** (S. Paulo) — É muito simpática, jovial e bem humorada sempre. Deve contar grande número de amigas e "fans", pois sabe realmente encantar. Sua personalidade é sinuosa, sabendo adaptar-se a todas as circunstâncias, dirige-se a uma tendência "diplomática", a moda antiga, porque agora vemos que a coisa é dura e positiva, até na ONU, onde não se rasgam sedas, mas dizem-se verdades amargas sem cerimônia. Você é isso mesmo, adaptável. Sim, senhora, mas também tem grande valor nisso, porque, mesmo sem suscitar, contendas, sutilmente instila o veneno que traz em si. Sua tendência é para atividades domésticas, como a costura e

culinária, os bordados, sem deixar de ser também uma delicada vocação musical, sem aproveitamento pelo estudo. No amor, é arrebatada e arrojada. Ciumenta e exigentíssima.

**SONIA MARIA** (Rio) — Você tem sido sempre muito feliz, sem acidentes, sem lutas, sem lágrimas e sem preocupações maiores. É entretanto uma ansiosa perscrutadora de verdades ocultas. Isto é, gosta de pelo estudo aperfeiçoar seus conhecimentos da vida. Não se satisfaz com esse "terra-à-terra" sem finalidade e sem programa que a empolgue. Gostaria de se lançar a grandes cometimentos heróicos que a consagrassem como heroína nacional, com larga publicidade e glorificação... É, em suma, uma vaidosa, sem maldade, antes desejosa de ser útil, ainda que por vaidade mesmo... É independente intelectualmente, gosta de ler muito e até Tackerray ou Lawrence, Aluisio de Azevedo, ou Eça de Queiroz, que romparam com os preconceitos do respeito à mentira consagrada como verdade, você gostará de ler, porque se rebela, também, contra a mitificação. Sua tendência é intelectual, e poderá ser uma notabilíssima escritora, principalmente se romper definitivamente com os enganosos princípios da educação que recebeu.

**GARY COOPER** — Vejamos o resultado desse teste: — o senhor é positivamente inteligente, perspicaz, rigoroso, exigente e duma lealdade ex-

traordinária nesta época de utilitarismo e conveniências. É capaz de muitas incursões de ordem intelectual, de realizar extraordinárias ações de bravura, para as quais disporá eficientemente dos recursos de que dispõe com seu farto conhecimento de estratégia militar... É um sentimental, embora procure disfarçar seu sentimentalismo, com uma frieza aparente, muito mal dissimulada aliás. É delicadíssimo de sentimentos afetuosos, romântico e fidelíssimo no amor. Isso não o isenta da capacidade de pequenas traições sem importância e sem consequências no campo das aventuras. Mas sua moral é superior e o senhor é uma personalidade superdotada, tanto intelectual como moralmente. Ama acima de tudo a liberdade e revolta-se contra toda sorte de injustiças sociais e será capaz de lutar até a morte contra a solércia e a exploração. Mas (agora é que vem o plor) é também desconfiado, injusto muitas vezes em seus julgamentos e é capaz de trocar de nome para experimentar a honestidade dos recursos grafológicos, que julga chantage mesmo afirmando coisas fabulosas...

**DISILUDIDA DA VIDA** — (S. Paulo) — Você escreveu em papel pautado e assim prejudicou sua consulta. Escreva de novo em papel liso e depois compre "O MOMENTO FEMININO" que, nesta seção, trará seu retrato grafológico. Mas, não esqueça, Chida não é homem...



**Amiga:**  
Você levou bilhete, rifas, jornais, alguma coisa para vender em benefício de **MOMENTO FEMININO**? Venha então prestar contas urgentemente.

## A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome .....

Pseudônimo .....

Escreva uma página qualquer em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2011 "MOMENTO FEMININO" SÃO DE JANEIRO

## CAPÍTULO II

O SR. TULLIVER, DO MOINHO DORLCOTE, DECLARA  
SUA RESOLUÇÃO A RESPEITO DE TOM

— Isso é que eu quero que você saiba — dizia o Sr. Tulliver — desejo dar a Tom uma boa educação, uma educação que o possa sustentar. Era o que eu pensava quando o mandei deixar a Academia, no dia da Festa da Anunciação da Virgem. Pensei em mandá-lo para uma ótima escola em Widsmmuer. Dois anos na Academia bastariam, se eu quisesse fazer do rapaz apenas um moleiro ou um fazendeiro, pois êle tem visivelmente mais instrução do que eu. Todo o ensino que meu pai me deu constituiu em vara de marmelo para firmar o alfabeto. Porém eu gostaria que Tom tivesse um pouco de instrução, para estar acima da lábia dêesses outros rapazes que falam difícil e escrevem com floreados. Seria um auxilio para mim, nestas demandas, sentenças e complicações. Eu não faria dêle um advogado, pois teria pena se o rapaz desse em espectralhão — porém uma espécie de engenheiro, de agrimensor, ou leiloeiro ou avaliador, como Riley. Ou dar-lhe-ia alguma ocupação elegante, dessas que, sem nenhuma retribuição, trazem todos os proveitos aos que as exercem, como o de usar uma grossa corrente de relógio e sentar-se numa cátedra. Estes estão sempre por alto, ninguém se afasta deles e acho que estão sempre com a lei. Riley enfrenta Wakem com uma cara tão brava como um gato para outro, sem medo nenhum.

O Sr. Tulliver falava com a esposa, mulher loura e elegante com uma touca em forma de leque. (Nem quero me lembrar há quanto tempo foram usadas as toucas em forma de leque — mas a moda delas deve estar voltando outra vez. Naquele tempo quando a Sra. Tulliver estava se aproximando dos 40 anos, elas eram novidades em St. Ogg's, e consideradas lindas).

— Bem, Sr. Tulliver, você sabe melhor que eu, não faço objeções. Porém não seria melhor eu matar um casal de patos, e convidar os tios e tias para jantar na próxima semana, para que você possa ouvir o que a mana Glegg e a mana Pullet acharão disso tudo? Nós temos dois patos no ponto de ser mortos.

— Pode matar tôdas as aves da fazenda, se quiser Bessy; mas eu não perguntarei a nenhum tio ou tia o que devo fazer do meu unico filho, tornou Tulliver, ameaçadoramente.

— Meu coração! exclamou a Sra. Tulliver, ofendida com essa retórica sanguinária, — como pode você falar assim! E' seu hábito mesmo referir-se desrespeitosamente à minha família, e disso a mana Glegg põe tôda a culpa em mim, apesar

de eu estar certa de que sou inocente como um recém-nascido. Nunca você me ouviu dizer que tinha pena de meus filhos terem tias e tios para se preocuparem com a vida deles. Entretanto, se Tom tivesse de ir para uma nova escola, eu gostaria que fôsse para uma onde eu pudesse levar-lhe e conser-tar-lhe as roupas. Ele poderia então ter roupas de algodão ao invés de linho, sem que elas ficassem mais encardidas que as outras enquanto não fôsssem lavadas uma dúzia de vezes. Quando a trouxa de roupa viesse e fôsse, eu mandaria sempre um bolo, um pedaço de leiteoa, ou uma maçã para o menino, para que ele pudesse sentir-se feliz com uma coisa extra, fora de sua alimentação normal. Meus filhos podem comer o mais possível, graças a Deus!

— Bem, está certo, não o mandaremos para um lugar fora de mão, onde não haja correlo, se aparecer outra coisa que lhe convenha, concordou Tulliver. — Porém você não ponha essas idéias de roupas na cabeça, se não arranjarmos uma escola bastante próxima. E' o defeito que eu acho em você, Bessy; se você vê um pau no caminho, pensa logo que não o pode transpor. Você me impediria até de ter um bom carroceiro que tivesse uma pinta no rosto.

— Meu coração! reclamou a Sra. Tulliver, surpreendida — quando é que eu fiz objeção a um homem, só porque tinha uma pinta no rosto?! Eu acho até que gosto muito de pintas, pois meu irmão que morreu tinha uma bem na sobrancelha. E não soube absolutamente que você haja querido contratar nenhum carroceiro com manchas, Sr. Tulliver. Eu me lembro é de João Gibbs, que tinha tanta pinta no rosto quanto você, e que eu gostaria que tivesse sido contratado. Se fôsse assim, e ele não tivesse morrido daquela inflamação que eu paguei ao Dr. Turnbull para tratar, o moço estaria ainda conduzindo o nosso carroção até agora. Só se éle possuía uma pinta nou-tro lugar do corpo, que não se via... Mas dessa eu não podia saber, Sr. Tulliver!

!— Não é isso, Bessy; eu não me refiro exatamente a pintas, e se falei nelas foi para exemplo. Vamos mudar de assunto que isto só serve para aborrecer. O que me preocupa é como descobrir uma escola direita para mandar Tom, de onde eu não precise tirá-lo, como fiz com a academia. Não quero mais saber de academias, e não há-de ser para uma delas que Tom irá. Tem de ser um lugar onde os rapazes passem o tempo sem poder engraxar os sapataos em casa da família ou fugir para arrancar batatas no quintal. E' mesmo uma coisa complicada saber que escola se há-de escolher!

Tulliver calou-se por um ou dois minutos, e mergulhou as duas mãos nos bolsos das calças como que a procurar ali uma solução. E parece que não se desapontou, pois logo disse: —

Já sei o que vou fazer, vou falar a respeito com Riley, que vem cá amanhã tratar do negócio da reprêsa.

— Eu sei, senhor Tulliver, e já pus para fora os lençóis para a nossa melhor cama. Kezia já os pôs a secar junto ao fogo. Não são dos melhores, mas servem para dormir, seja lá para quem fôr. Os nossos melhores lençóis, os holandeses, eu me arrependeria de os pôr em uso. Se você morrer amanhã, senhor Tulliver, eles estão passados, bonitos, prontos, cheirando a alfazema, que até será um prazer deltar-se neles. Estão no canto de trás, do lado esquerdo do armário de roupas, e ali ninguém mexe e não ser eu.

Quando acabou de falar, a Sra. Tulliver sacou do bolso uma brilhante penca de chaves, e entre elas escolheu uma que passou a alisar com os dedos, enquanto com um sorriso olhava o clarão do fogo. Se Tulliver fôsse um homem sensível na sua vida conjugal, poderia supor que ela tirou a chave para ajudar a própria imaginação a antecipar o momento em que êle iria usar os melhores lençóis de linho da Holanda. Mas infelizmente não o era. A sua única sensibilidade era a respeito dos seus direitos sôbre a água. Além disso êle tinha o hábito matinal de não prestar muita atenção ao que a mulher dizia, e desde que falou em Riley estava aparentemente ocupado em desenrugar as meias de lã.

— Eu acho que descobri, Bêssy, — foi a sua primeira frase depois de um curto silêncio: — Riley deve saber mais do que ninguém a respeito duma escola. Êle estudou em escola e vai a tôda parte, nos seus arbitramentos e avaliações. Amanhã a noite nós teremos tempo suficiente para falar a respeito, depois de resolvido o negócio. Eu quero que Tom seja um homem da marca de Riley, você sabe, — que pode falar tão bem como se estivesse lendo, e conhece uma porção de palavras que não tem muito sentido, dessas que a gente não encontra nas lei. E além do mais, tem sólidos conhecimentos de negócios!...

— Bom, disse a Sra. Tulliver, — para falar com precisão, saber a respeito de tudo, andar empertigado e de cabelo bem liso, eu acho que o rapaz não foi feito. Os homens que falam bonito, das cidades grandes, usam peitos falsos nas camisas, para ocultá-las quando o peito de pregas já está imundo. Eu sei que Riley faz assim. Se Tom for viver em Mudport, como Riley, êle vai ter uma casa com uma cozinha que mal dá para a gente se mexer, e nunca terá um ovo fresco para o almoço. Vai dormir no terceiro ou quarto andar, e é capaz de morrer sem sair mais de lá.

— Não, não, explicou Tulliver, — não tenho idéia de mandá-lo para Mudport: tenciono vê-lo ocupando o seu emprêgo em St. Ogg's, bem perto de nós, e morando aqui em casa. Porém — continuou Tulliver depois de uma pausa:

— O que me dá um pouco de medo, é que Tom não tenha bastante inteligência e o entendimento próprio de um rapaz esperto. Acho-o um pouco lerdo. Saiu à sua família, Bessy.

— Sim, isto é verdade, concordou a Era. Tulliver, aceitando esta última afirmativa com a sua interpretação: — E' admirável como êle exige uma porção de sal na sopa! Saiu a meu irmão e a meu pai.

— E' uma pena — continuou Tulliver — o rapaz ter saído ao lado materno, em lugar da rapariguinha. Isto é o peor, no cruzamento das raças: você nunca pode calcular o que poderá acontecer. A pequena saiu a mim, é duas vèzes mais esperta que Tom. Tenho medo que seja até sabida demais, para uma mulher. — Tulliver abanava a cabeça, duvidosamente, para um lado e para outro: — Não é muito prejudicial enquanto ela fôr pequena. Porém uma mulher tão perspicaz deve ser comparada a um carneiro de cauda muito comprida, que nem por isso fica valendo mais.

— Sim, é uma desvantagem. Enquanto ela é menina tudo corre por conta das travessuras. Excede às minhas forças conservá-la limpa e sossegada por duas horas seguidas. E por falar nisso, você está me assustando — prosseguiu a Sra. Tulliver, levantando-se e indo até à janela — não sei aonde ela está agora, e vai-se aproximando a hora do chá. Já imagino — com certeza andando por aí, à beira da água, como uma selvagem. Qualquer dia cai lá dentro!

A senhora Tulliver bateu à janela com força, chamou a menina e fez sinal com a cabeça — repetindo isso mais uma vez antes de voltar para sua cadeira.

— Você fala em esperteza, senhor Tulliver, observou ela quando se sentou, mas estou certa de que a menina é meio aluada para algumas coisas. Se, por exemplo, eu a mandar buscar alguma coisa lá em cima, ela se esquece do que é que foi fazer, e talvez fique sentada no chão, ao sol, trançando os cabelos e cantando como uma possessa enquanto eu a espero em baixo da escada. Isto nunca se deu em minha família, graças a Deus, nem ninguém tem pele tão escura que até parece de mulata! Eu não gosto de julgar os atos da Providência, porém é duro de se ter somente uma filha, e esta mesmo tão esquisita!

— Oh, que bobagem! atalhou Tulliver. Ela é uma menina bonita, de olhos pretos como poucas vèzes se vêem! Não sei em que fica atrás das outras crianças! E sabe ler quase tão bem como um padre.

— Mas não enrola o cabelo como eu quero, e fica com tal frenesi para fazer papelotes! Tenho um trabalhão em fazê-la ficar quieta, para prendê-los com grampos.

— Pois corte-os, corte-os bem curtos, disse o pai, de mau humor.

— Como é que você pôde dizer isto, senhor Tulliver? Ela é uma menina tão grande, quase com 9 anos, e até alta para a idade, para ter cabelos cortados! Sua prima Lúcia tem uma cançada de cachos em redor da cabeça, sem sair nenhum fio do lugar. E' injusto minha irmã Deane ter uma filha tão bonita. Acho que Lúcia tirou mais a mim do que meus próprios filhos...

— Maggie, Maggie!, continuou a mãe num tom meio enternecido, meio irritado, quando este pequeno erro da natureza entrou na sala: — Onde é que ficou a minha recomendação para não brincar na água? Você ainda cairá lá dentro algum dia, e aí fica arrependida de não seguir os meus conselhos!

Os cabelos de Maggie, escapando para fora da touca, confirmavam plenamente a acusação da mãe. A senhora Tulliver, desejando que sua filha tivesse os cachos curtos "como grande número de crianças", mandou cortá-los muito, na frente, para serem puxados para trás das orelhas. Assim ficavam naturalmente bem, mas uma hora depois lá saíam eles do lugar, e Maggie começava a sacudir incessantemente a cabeça, para tirar as madeixas escuras de sobre os olhos pretos e cintilantes — costumes que lhe dava ares de um pequeno "poncy".

— Oh, Maggie querida, que está você pensando com essa touca enterrada assim? Suba, você é uma boa menina, escove bem os cabelos, ponha outro avental, troque os sapatos — tenha vergonha. Depois volte e vá fazer sua costura, como uma moça.

— Oh, Mamãe. — replicou Maggie, num tom veemente e atormentado: — Eu não quero costurar nada!

— Como? Nem juntar uns retalhos bonitos, para fazer uma linda colcha para sua tia Glegg?

— E' um trabalho de boba. — disse Maggie com uma sacudidela na juba — cortar coisas em pedaços para juntar outra vez. Não quero fazer coisa alguma para minha tia Glegg, porque não gosto dela.

Maggie saiu, segurando a touca pelo cordão, enquanto Tulliver ria alto.

— Admiro-me de você se rir na frente dela, senhor Tulliver, — disse a senhora com uma ligeira irritabilidade na voz: — Você lhe encoraja as travessuras. E as tias também a estragam.

A senhora Tulliver era o que se pode chamar uma pessoa de bom temperamento. Nunca chorou, quando era criança, em nenhum lugar, por fome ou outra razão. Desde o berço teve saúde e foi sempre formosa, nédia, e fraca de entendimento. Em resumo, era a flor da família, pela beleza e amabilidade. Porém leite e doçura não são as coisas que melhor se conservam, e quando recebem um pouco de acidez logo causam

alterações sérias nos estômagos delicados. Muitas vezes me perguntei como é que aquelas precoces Madonas de Rafael, com suas faces transparentes e expressões paradas, conservam placidez imperturbável, segurando o filho, graúdo e desempenado, já em idade de não andar sem roupas. E imagino que elas deviam ter vontade de fazer uma leve admoestação à criança, demonstrando uma certa impertinência, embora isso fôsse inteiramente impossível para uma figura de quadro.

### CAPITULO III

#### RILEY DA SUA OPINIAO A RESPEITO DE UMA ESCOLA PARA TOM

O cavalheiro de larga gravata branca e camisa de pregas, tomando a sua aguardente com água, tão prazenteiramente, com seu bom amigo Tulliver, é o Sr. Riley, um homem de rosto côm de cera e mãos grandes, muito bem educado para ser um lloceiro ou avaliador, de coração bem largo e revelar uma grande dose de bonomia para com as amizades da gente do campo, de hábitos hospitaleiros.

A essas pessoas o Sr. Riley, bondosamente, chamava "gente da velha escola".

Tinham feito uma pausa na conversação. Tulliver, não sem uma razão particular, tinha-se privado de uma sétima narração da réplica com a qual Riley enfrentava Dix, na ocasião em que Wakem teve o seu topete cortado ao menos uma vez na vida. Os negócios da reprêsa ficaram bem claros, por arbitramento, e nunca teria havido nenhuma disputa sobre a passagem das águas, se cada um fôsse como devia ser, e o velho Harry não tivesse tratado advogado. Tulliver era, em suma, um homem de opinião segura e tradicional. Mas em um ou dois pontos se havia fiado em sua descuidada inteligência, e chegado a conclusões duvidosas julgando os restantes, os vira-casacas, porgulhos e advogados, como crias do Velho Harry. Infelizmente não havia ninguém para quem pudesse contar os rompanes de Manichaeisin, apesar de lhe enxergar os êrros. Porém era claro que a boa causa seria triunfante: êste negócio de força de água era de qualquer modo um negócio confuso que, no entanto, parecia tão simples como a própria água. Para isso, ninguém melhor do que Riley. Tulliver tomou a sua mistura de aguardente com água, um pouco mais forte do que de costume, achando que era melhor exprimir alta consideração pelos talentos comerciais dum homem que se dizia ter alguns milhares de libras guardados nos bancos.

Porém a reprêsa era um assunto de conversa fácil de ser mantido, pois podia ser retomado muitas vezes no mesmo ponto, e exatamente nas mesmas condições.

E havia também outro assunto, como nós sabemos, que Tulliver ansiava por submeter à opinião de Riley. Esta era a causa principal de permanecer silencioso por alguns momentos, depois do seu último trago, esfregando os joelhos, em atitude meditativa. Não era homem para fazer uma transição repentina. O mundo é uma complicação, como frequentes vezes dizia; e quem girar seu carro com muita pressa, precipita-o em mau lugar. Riley, além disso, não estava impaciente. Para que? Embora violento, como se pensava, mostrava ser paciente, metido em seus chinelós, num lar aquecido, tomando copiosas pitadas de rapé e bebericando gratuitamente aguardente com água.

— Tenho uma coisa na idéia — disse Tulliver afinal, em voz mais baixa do que a comum, olhando firmemente o companheiro.

— Ah! exclamou Riley, num tom meio interessado. Ele tinha cílios cerrados e escuros e sobrancelhas arqueadas que pareciam fixas em qualquer circunstância. Essa imobilidade de rosto e o hábito de tomar uma pitada de rapé antes de dar uma resposta, faziam-no triplicadamente oracular os olhos de Tulliver.

— E um assunto muito especial — continuou — a respeito do meu filho Tom.

Ao ouvir esse nome, Maggie, que estava sentada num banquinho junto à lareira, com um grande livro aberto no regaço sacudiu para trás os pesados cabelos e ficou alerta. Alguns sons havia, que tinham o dom de despertar Maggie dos seus sonhos sobre os livros, mas o nome de Tom fez o efeito de um assobio estridente. No mesmo instante ela estava à espreita, de olhos brilhantes como um cão farejando caça, pronta a defender Tom contra qualquer um que o ameaçasse.

— O senhor sabe, eu quero mandá-lo para uma escola nova, lá pelo meio do verão. Ele saiu duma academia no dia da Anunciação de Nossa Senhora, e eu quero que ele descanse um pouco, mas depois desejo mandá-lo para uma boa escola, onde de fato façam d'ele um estudante.

— Pois eu não vejo vantagem em lhe ser dada tanta instrução, — atalhou Riley, acrescentando com polida intenção: — Ahás um homem pode ser bom moleiro e fazendeiro, ou ter fino senso de negócios, sem grandes influências do mestre-escola.

— Acredito — cortou Tulliver piscando e virando a cabeça de lado — e é justamente por isso. Eu não tenciono que Tom seja moleiro ou fazendeiro. Não acho graça nisso,

porque se eu o fizer moleiro ou fazendeiro, ele ficará à espera de tomar conta do moinho e da terra, e passara a olhar-me como se eu devesse descansar, preocupando-se com o meu derradeiro fim. Não, não, eu já vi muita coisa dessa, com filhos. Eu nunca tiro o meu casaco antes de ir para a cama. Darei a Tom uma educação, e dar-lhe-ei um negocio, pois precisac onstruir seu proprio ninho sem pensar em me por para fora do meu. Este éle tera, quando eu morrer e sair do mundo. Ninguém me põe a comer mingaus antes de perder os dentes.

Esse era, evidentemente, um ponto em que Tulliver tinha idéla formada, e o impeto que lh tinha dado rapidez desusada e ênfase ás palavras, fê-lo abanar incansavelmente a cabeça durante muito tempo, dum lado para outro, e resmungar subitamente: Não, não!

Esses sinicreas de zanga eram seguidos atentamente por Maggie, e a affligiam. Tom, ao que pensava, seria capaz de exoulsar o pai de cosa e de fazer do futuro uma tragedia, para sua própria desgraça. Isso não era possivel! Maggie levantou-se do seu banco, largando o pesado livro, que caiu no chão ruidosamente e collocando-se entre os joelhos do pai exclamou, com voz entre chorosa e indignada:

— Papai, Tom nunca seria mau para o senhor, eu lhe garanto que nunca!

A senhora Tulliver estava fora da sala, superintendendo um prto especial e o pai ficou comovido; porisso Maggie não foi repreendida pelo barulho do livro. Riley apanhou-o, examinando-o, enquanto Tulliver ria com certa ternura no rosto de linhas duras, afagando as costas da menina. Depois o pai tomou-lhe as mãos, conservando a pequena entre os joelhos.

— Então! A gente não pode dizer nada do Tom, hein? indagou Tulliver, olhando Maggie com uma piscadela. Depois, em voz mais baixa, virando-se para Riley, para que Maggie não o ouvisse: Ela toma sempre pelo lado mau o que a gente fala. E o senhor precisava ver como já sabe ler, essa pequena, — correntemente, como se conhecesse tudo de primeira mão. E sempre agarrada no livro! Isso é ruim, é ruim — acrescentou Tulliver, tristemente, lançando essa imprecadora sentença: — Não é negocio para uma mulher ser tão inteligente, isso até prejudica. Mas Deus a guarde! — aqui a alegria venceu. — Ela lê e entende os livros melhor do que muito velho que viveu nisso!

As faces de Maggie começaram a corar de triunfante excitação. Ela pensava que agora Riley havia de respeitá-la, pois era evidente que éle não tinha notado antes.

Riley folhava o livro e a menina não lhe podia ver outra

# COZINHA

## MIOLOS FRITOS

Cozinhe o miolo em água e sal, temperando de acordo com o gosto. Depois de frio, limpe bem, tirando todas as peles e corte, em fatias que devem ser passadas quando enxutas na farinha de trigo. Assim preparadas as fatias devem ser fritas em manteiga dourada. Prepare o molho com cebola, sem fritar muito e ponha algumas gotas de leite no molho da manteiga.

É um prato delicioso para ser servido com batatas fritas.

## BANANA FRITA COM CREME

Frite as bananas na manteiga e arrume no prato em camadas com açúcar, canela, queijo ralado e farinha de rosca (é uma mistura saborosa). Em seguida prepara um creme quer dizer, um migau meio duro com maizena, leite, duas gemas de ovos, uma pitada de sal, uma ponta de faca de manteiga e açúcar quanto quiser. Depois de quase frio, cubra a banana frita com o creme. As duas claras devem ser batidas em ponto de glacé com açúcar e quanto estiverem no ponto (garfo em pé) completam o prato, cobrindo as bananas e o creme.

## GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas

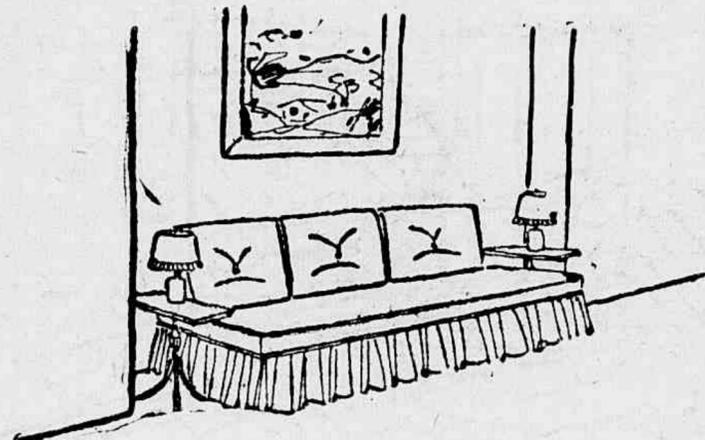


Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.º ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92  
Telefone: 38-3030 — Rio

## ARRANJOS DO LAR



Ajeite assim sua cama e terá um recanto agradável no seu quarto

**TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL**  
MOLÉSTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES  
**DR. CAMPOS DA PAZ FILHO**  
Ginecologista

Caixa F. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5656



Um "deshabille" para você levantar da cama. Deve ser feito em fazenda pesada como faille ou piqué, para o verão

**WILSON LOPES DOS SANTOS**  
ADVOGADO

De 10 às 12 e de 16 às 18 hs.  
R. Senador Dantas, 35-2.º and.  
Tel: 42-1528



Para uma menina de 15 anos este vestidinho de listas com golinha de cambraia branca

**Dr. JOELSON AMADO**  
CLÍNICA DE CRIANÇAS  
— FISIOTERAPIA —  
PRAÇA SANS PENA, 31  
1.º andar  
Telefone 48-3546  
Diariamente das 14 às 18 horas

## Atendendo Sua Consulta

**MARINA** — O corte das unhas deve variar conforme o formato e o tamanho das mãos. Não sabemos como são as suas e por isso respondamos: conforme. Quando as mãos são curtas e largas, o corte deve acentuar o oval alongando-o. O verniz também deve cobrir a meia lua e as pontas, sem contudo penetrar muito nos canos. Para as mãos longas e grandes aconselhamos um corte arredondado para dar uma impressão de finura, sem encompridar a mão.

**ARISTEA** — É bom ter cuidado com os regimes alimentares. Comidas que engordam: manteiga, nata, saladas com azeite, gorduras, mel, açúcar, ovos, queijo.

**GILDA** — Para as suas espinhas a aconselhamos que suspenda todos os cremes de limpeza ou loção gordurosas. Lave o rosto todas as manhãs e todas as noites com uma solução quente (temperatura suportável) de água, numa colher de sopa de borax e outra de bicarbonato de soda.

**AMELIA** — Os nossos modelos estão às suas ordens. Faça o pedido do molde conforme já anunciamos em números anteriores. Recorde o modelo escolhido e mande as suas medidas.

**STELA** — Num de nossos próximos números atenderemos o seu pedido.

**CURSO DE CORTE E COSTURA**  
Direção da Professora  
**MOEMA LUZ**  
RUA PADRE TELEMACO,  
53 — C. VI

## A Produção De Carvão Na Europa

AINDA NÃO RESTABELECIDOS OS NÍVEIS ANTERIORES À GUERRA

Entre os países produtores de carvão, quatro dos localizados na Europa continuam a acusar reduções nessa importante indústria extrativa, conforme se depreende dos dados constantes do "Boletim Mensal de Estatística", do Bureau de Estatísticas das Nações Unidas, e ora divulgados pela Secretaria Geral do I. B. G. E. Esses países são a Alemanha, a Grã-Bretanha, a Noruega e a Holanda.

O primeiro deles, a Alemanha, teve a média mensal de produção diminuída de 13,2 milhões de toneladas, no primeiro ano da guerra, em 1939, para 3,4 milhões em 1945, quando se verificou a completa derrota militar do país. O processo de recuperação dos níveis anteriores está sendo muito lento, pois o mês de maior produção, este ano, fevereiro, registrou apenas o total de 7,4 milhões de toneladas.

A Holanda, cuja média mensal de produção carbonífera oscilava

entre 1,0 e 1,2 milhões de toneladas, teve esse nível diminuído para 424 mil toneladas, em 1945; e, este ano, a média ainda permanece na casa das 800 e 900 mil toneladas. Os dois países que oferecem melhores perspectivas de breve retomada da produção antiga são a Noruega e a Grã-Bretanha, sendo que a primeira no último ano do conflito produziu somente a média mensal de 500 toneladas, cifra tão insignificante, relativamente, que poderia deixar de constar de relações estatísticas cujos computos ascendem a milhões de toneladas. Em 1947, porém, já a média se eleva acima de 18 mil toneladas. A média mensal da produção norueguesa havia sido, em 1939, de 26 mil toneladas.

Com o seu potencial humano seriamente afetado durante toda a guerra, a Grã-Bretanha não pôde manter no mesmo ritmo do tempo de paz sua produção de carvão. Contudo, os decréscimos foram relativamente pequenos de 19,5 milhões de toneladas, em 1939, para 15,4 milhões, em 1945, quando se registrou a maior queda inglesa val reagindo aos fatores negativos de restabelecida. E, embora lentamente, a produção.

## PALAVRAS CRUZADAS

Solução Do Problema

Horizontais: 1 — Robalo, 6 — Uva, 7 — Oira, 10 — Barbatana, 12 — Isca, 13 — Os, 14 — Ar.  
Verticais: 1 — Rubí, 2 — Ovas, 3 — Barca, 4 — Lóa, 5 — Oto, 8 — Rás, 9 — An, 11 — Bar

**LUIZ WERNECK DE CASTRO**  
ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2  
Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 19 horas  
Exceto aos sábados  
— Fone: 23-1064 —



# Calor!

O verão carioca — já vem tarde! — chegou violento trazendo para a rua multidões de criaturinhas em vestidos leves.

São para o nosso verão êstes modelos

